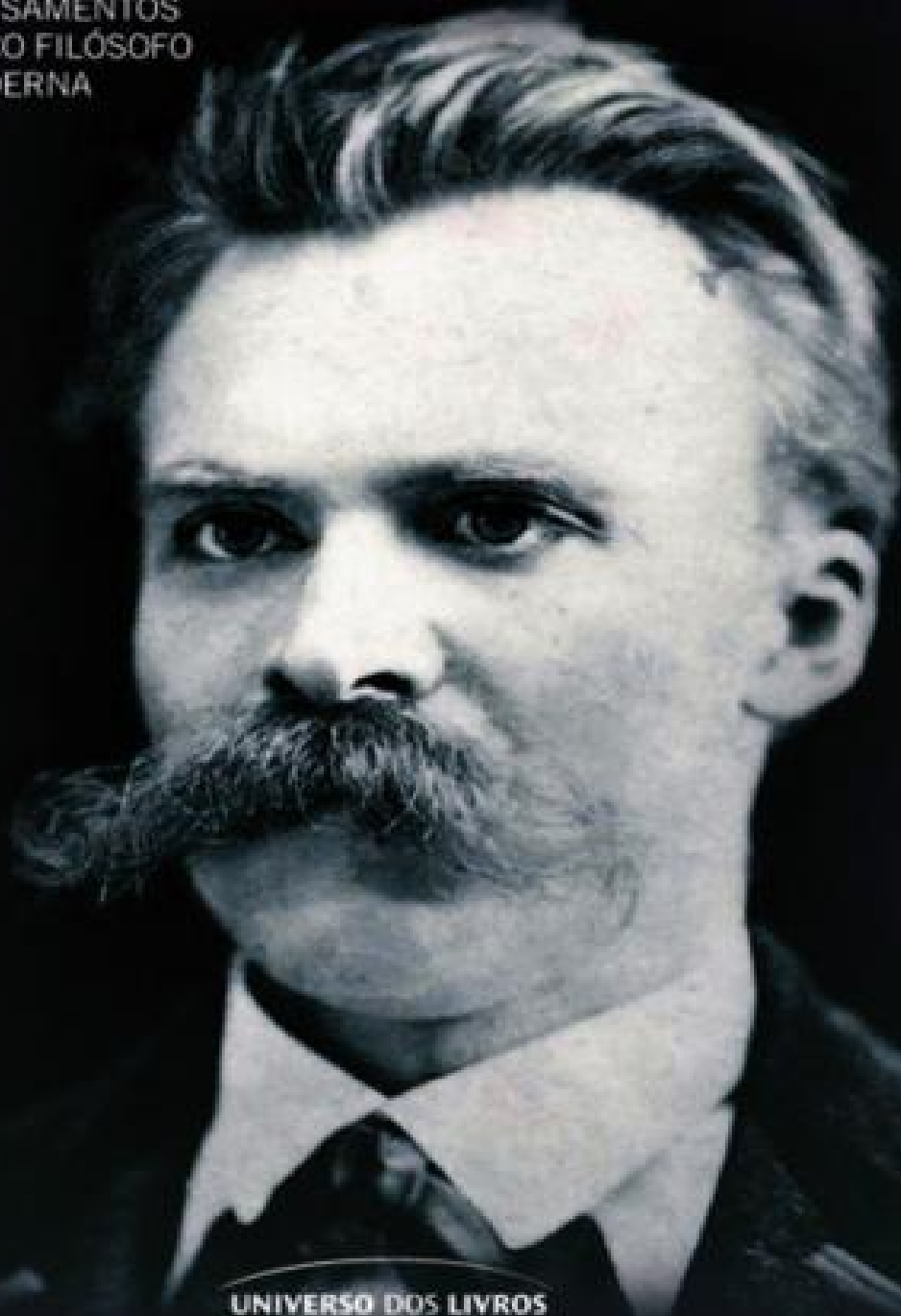


DANIEL RODRIGUES AURÉLIO

DOSSIÊ

# NIETZSCHE

VIDA, OBRA E PENSAMENTOS  
DO MAIS POLÊMICO FILÓSOFO  
DA HISTÓRIA MODERNA



UNIVERSO DOS LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

DANIEL RODRIGUES AURÉLIO

# DOSSIÊ NIETZSCHE

VIDA, OBRA E PENSAMENTOS  
DO MAIS POLÊMICO FILÓSOFO  
DA HISTÓRIA MODERNA



UNIVERSO DOS LIVROS

DANIEL RODRIGUES AURÉLIO

DOSSIÊ

NIETZSCHE

  
**UNIVERSO DOS LIVROS**

SÃO PAULO  
2009

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua Tito, 1.609

CEP 05051-001 • São Paulo/SP

Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

© 2009 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

**Diretor Editorial**

Luis Matos

**Revisão**

Guilherme Laurito Summa

**Editor**

Tadeu Carmona

**Projeto Gráfico**

Daniele Fátima

**Assistência Editorial**

Aracelli de Lima  
Carolina Evangelista  
Renata Miyagusku

**Diagramação**

Cláudio Alves  
Stephanie Lin

**Preparação dos Originais**

Fernanda Batista dos Santos

**Capa**

Daniel Brito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M217d Aurélio, Daniel Rodrigues.

Dossiê Nietzsche / Daniel Aurélio Rodrigues.  
- São Paulo: Universo dos Livros, 2009.  
144 p.

ISBN: 978-85-99187-98-2

1. Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900).  
2. Filósofo (Alemanha). 3. Biografia.  
I. Título.

CDD 921.3  
193

# SUMÁRIO

<u>Introdução - Alguns Homens Nascem Póstumos .....</u>	<u>7</u>
<u>I - Ecce Homo! Um Perfil Biográfico de Friedrich Nietzsche .....</u>	<u>13</u>
<u>II - Ecce Philosophus! As Leituras de Formação Filosófica .....</u>	<u>47</u>
<u>II A Arte de Escrever "Livros tão Bons": -Nietzsche, Obra a Obra</u>	
<u>IV - O "Homem-dinamite": seguidores, críticos e influências .....</u>	<u>89</u>
<u>Miniglossário .....</u>	<u>119</u>
<u>Saiba Mais sobre Friedrich Nietzsche .....</u>	<u>121</u>

# Introdução

## Alguns Homens Nascem Póstumos

Vencedor de dois Oscars, o filme Pequena Miss Sunshine (Little Miss Sunshine, EUA, 2006, 101 min.), dirigido pela dupla Jonathan Dayton e Valerie Faris, famosos pelos videoclipes de Paula Abdul, Red Hot Chili Peppers, Weezer e R.E.M. produzidos nos anos 1990, narra a história de Olive Hoover (Abigail Breslin), a caçula da desestruturada família de Albuquerque, cidade localizada no Novo México, sudoeste dos EUA. O sonho da graciosamente desajeitada Olive é virar uma miss esbelta, cativante e admirada. Coisa de menina. Um dia, em meio a uma briga doméstica, a pequena recebe um telefonema convidando-a para participar do Miss Sunshine, concurso de beleza infantil a ser realizado em Redondo Beach, no estado da Califórnia. Eufórica, ela grita, corre, pula, dança e saracoteia pelos cômodos da casa. Seus familiares, então, embarcam na aventura, cortando os mais de mil quilômetros de estrada a bordo de uma peculiar e maltratada Kombi amarela e... Paro por aqui! O roteiro do cômico road movie é conhecido...

[Pequena Miss Sunshine?! Olive? Oscar? Albuquerque? Redondo Beach? Concurso de beleza infantil? Kombi amarela caindo aos](#)

pedaços? Este é o Dossiê Nietzsche mesmo, não é? Sim, leitor, você está lendo o livro certo. Quem assistiu ao premiado longa-metragem vai se lembrar de Dwayne Hoover, o caladão e revoltado irmão adolescente de Olive, interpretado pelo ator Paul Dano. Obcecado por Friedrich Nietzsche, Dwayne lia e relia dia e noite Assim falou Zaratustra (1885), uma das obras-primas do filósofo alemão'.

Nada chocante e transgressora, a película de Dayton e Faris é uma produção simpática e tipicamente hollywoodiana, apesar do orçamento anunciado de U\$ 8 milhões, considerado baixo para os padrões das megaprodutoras de Los Angeles<sup>2</sup>. Misturada à doçura de Olive e aos risos e lágrimas do público, lá estava a menção ao autor dos bombásticos O Anticristo, publicado em 1895, e Genealogia da Moral, de 1887. Será possível? Dwayne vestia uma camiseta branca com os dizeres "Jesus was wrong" (Jesus estava errado), mas nenhum cristão ousaria questionar a retidão e decência do rapaz, com seus sonhos de carreira na aviação interrompidos. Como na obra nietzschiana, a aspereza da superfície não revela tudo sobre a dimensão da existência<sup>4</sup>.

Inspirador deste Dossiê, Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) deixou-nos uma obra filosófica e literária que transcende a gravidade dos tratados e os formalismos da academia. Sem medo do exagero, ele se tornou um verdadeiro ícone da cultura pop. Seu pensamento desafiador e complexo não o impediu de ser, na medida do possível, bem popular. A Internet, por sinal, dá a conta desse fenômeno. Os números do Data-Nietzsche falam por si. Uma rápida busca no sistema Google apontou cerca de 14.600.000 para "Nietzsche"; 676.000 para "Nietzche"; e 223.000 para "Nietsche" -



como se percebe, subtrai-se frequentemente o "s" ou o "z" de seu nome.

Na rede social Orkut.com são registradas cerca de 330 comunidades sobre o filósofo de Röcken. Elas vão dos trocadilhos infames (Tendinietsche, Rinietsche, Niilismu Miguxu, Nietzsche parece o Belchior, Assim Falava Nossos Truta) aos fóruns de debate e reflexão crítica (Nietzsche Brasil, Friedrich Nietzsche, Genealogia da Moral/Nietzsche).

O pensamento nietzschiano estimula diferentes interpretações, às vezes conflitantes, paradoxais e reducionistas. Para muitos pesquisadores, a sua própria condição de "filósofo" seria discutível. Inclassificável, Nietzsche estaria, na realidade, mais para franco-atirador da palavra. Um franco-atirador com atitude filosófica e a mira calibrada! Várias frases cunhadas por Nietzsche ou simplesmente atribuídas a ele têm força equivalente a de ditos populares. Escritor habilidoso, seu estilo grandioso e poético era mesmo capaz de aforismos lapidares: "É preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante"; aí está uma bela figura de linguagem extraída de Assim falou Zaratustra. Campeã das campeãs no quesito motivação na hora da dor e da provação, a redondíssima "aquilo que não me destrói fortalece-me" é pinçada da coletânea de máximas Humano, Demasiado Humano, um Livro para Espíritos Livres (1878).

[Assim como Platão, Aristóteles, Maquiavel, Schopenhauer, Descartes e outros mestres, a larga difusão do pensamento de Nietzsche provoca efeitos positivos e negativos. Positivos porque divulgam esquemas luminosos e aguçam a nossa imaginação. E](#)

negativos, pois nem sempre colocam conceitos em seus termos e significados adequados. De todo modo, provém dessa aparente confusão - originada, aliás, nas "arestas" e "aberturas interpretativas" propiciadas pelo texto nietzschiano - o interesse crescente dos leitores. Editados no formato de pocket books, seus livros atingem índices elevados de procura nas livrarias, bancas e demais pontos alternativos. Segundo reportagem da Folha de S.Paulo, até outubro de 2007 um dos recordistas de vendas no segmento era Além do Bem e do Mal (1886), com 38 mil exemplares comercializados<sup>5</sup>.

Há "Nietzsches" para todos os gostos e idades. Anarquismo, nihilismo, existencialismo e pós-estruturalismo beberam nas águas abundantes de sua fonte; conservadores e progressistas, autoritários e libertários encontram em seus textos elementos "justificadores" de ideologias, planos, métodos e ações políticas. E as inevitáveis perguntas se sucedem. Nietzsche era tudo isso? Que teorias, autores, movimentos estéticos e sistemas filosóficos o influenciaram? Quais características levaram sua obra a ter múltiplas leituras e releituras? Que lance é esse de "Eterno Retorno" e "Super-Homem"? Por que Zarathustra? Suas teses subscreveriam o nazifascismo? O movimento anarcopunk deriva de suas ideias de homem, religião, sociedade e Estado? E a autoajuda? Ela tem uma faceta nietzschiana? Por que um pensador da segunda metade do século XIX continuar a suscitar discussões acaloradas e a fascinar leitores no século XXI?

Este Dossiê Nietzsche tem o intuito de trazer uma visão objetiva, clara e acessível sobre a vida e a obra de um homem cujo

pensamento nos conforta na inquietude e nos faz inquietos no  
excessivo conforto.

Um homem nascido póstumo. No melhor sentido da expressão.

Daniel Rodrigues Aurélio

# I

## Ecce Homo! Um Perfil Biográfico de Friedrich Nietzsche

Durante os quatro anos da graduação em Sociologia e Política, mantive contato diário com professores, funcionários, colegas, centenas de livros, um bucólico abacateiro e Friedrich Wilhelm Nietzsche. Não era exatamente o Nietzsche em carne, osso e tutano, que descansava num jazigo em Röcken há 102 anos quando passei no vestibular, em 2002. Também não se tratava de um improvável homônimo na lista de presença. O "nosso" Nietzsche era um quadro curiosíssimo e itinerante, de autoria incógnita, a circular de sala em sala pelas mãos dos alunos. Ele frequentou aulas de política, estatística e deve ser craque em antropologia urbana. De vez em quando fazia companhia aos bibliotecários. Ao livreiro Adão. E quando menos se esperava, já repousava as madeiras fadigadas na velha cantina, entre sucos, coxinhas e sanduíches.

[Aquela representação pictórica - ela ainda existe, pessoal? - preservava o espesso bigode e a altivez indicada pelos desenhos e retratos conhecidos de Nietzsche, mas o realismo do rosto virava](#)

fantasia e surrealismo no corpo. Na ilustração do artista, o filósofo rasgava a roupa naquele clássico movimento de transmutação do tímido repórter Clark Kent no valente Superman, e por debaixo das vestes descobria-se a pele de um tigre. O significado é evidente. Dos "eyes of the tiger" de Rocky Balboa aos documentários dos canais de televisão Animal Planet e Discovery Channel, o feroz predador é identificado com as qualidades de força, agilidade e determinação. O super-homem e o superfelino se mesclavam à figura de Nietzsche numa montagem idealizada.

O quadro remete ao ideal nietzschiano do Übermensch, o super-homem ou além-do-homem exposto pelo andarilho, filósofo-poeta e profeta persa Zaratustra, mitológico/histórico protagonista da mais lida das obras de Nietzsche<sup>2</sup>. Nas páginas de Assim falou Zaratustra, história, lenda e filosofia se entrelaçam na acuidade da escolha do narrador. Zaratustra ou Zoroastro teria vivido ali por volta de 600 a.C., nos arredores da Pérsia, atual República Islâmica do Irã, e no flanco ocidental do território afegão. As pregações do Zaratustra histórico manifestavam a crença na divindade única e na oposição Bem x Mal. Ele receitava monoteísmo e dualismo moral aos politeístas. O Maniqueísmo de Manes/Maniqueu teve referência dogmática em Zaratustra<sup>3</sup>. O Zoroastrismo difundido da Pérsia à Grécia Antiga teria, portanto, alguma ascendência sobre a concepção monoteísta da tríade do patriarca Abraão: Judaísmo, Islamismo e Cristianismo.

A moldura universitária abre uma vereda para outra característica, dessa vez biográfica, do sujeito-tema deste dossiê: embora Nietzsche não tenha sido lá um modelo de super-homem (apesar dos seus feitos póstumos), seu exemplo é significativo de autor que

se confunde com a obra. O seu olhar constante e inclemente para dentro da condição humana parecia querer nos mostrar as suas (e as nossas) entranhas, paixões, dores, incoerências, sofrimentos e as alegrias.

Nenhum escritor, filósofo, cientista ou livre-pensador produz arte & saber independente das suas experiências mundanas e cotidianas. A subjetividade, os medos e as crenças interferem na formulação de hipóteses, na descrição de teorias, na construção de cenários e personagens. O estilo dilacerado, tenso e iconoclasta contido nos livros de Nietzsche amplifica essa relação. A dimensão hiper-humanizada, que contribui para aproximar leitores de qualquer época, também é fator de más interpretações e conclusões frouxas, demasiado frouxas. "Eu sou uma coisa: a outra é minha obra" adverte na abertura do capítulo "Por que escrevo livros tão bons" de *Ecce Homo*.

Será que aquele tigre/super-homem da faculdade debochava ou reverenciava Nietzsche? Homem de saúde frágil e um tanto amalucado no fim da jornada, ele teria sucumbido às dores da existência ou realizado, por intermédio dos livros, a vontade de potência?

[Que fique claro, então: o fato de ser tão autobiográfico não o tornou imune às biografias. Uma coisa é a autoidealização, a memória seletiva e a narrativa de carga pessimista ou glorificante. Outra são os trabalhos de resgate documental e análise de texto e contexto realizado por seus melhores biógrafos. O filósofo, musicólogo e professor da Universidade da Basileia \(Basel\) Curt Paul Janz produziu no final dos anos 1970 quatro volumes de um extenso tratado sobre Friedrich W. Nietzsche, traduzido para o espanhol:](#)

[Infância y Juventud, Los Diez Mos de Basileia - 1869/1879, Los Diez Anos de Filósofo Errante e Los Anos del Hundimiento4.](#)

[A filosofia visceral e agressiva não reduziu Nietzsche à bizarra categoria dos "achólogos" tresloucados: muitas de suas ideias, hoje, são consideradas marcos do pensamento ocidental moderno - ironicamente, pois o Ocidente foi por ele tantas vezes detonado nos campos da civilização, da religião e da moral. Elogiado, duramente criticado, Nietzsche é sempre tratado com respeito e seriedade pelos centros de estudo. Grandes pensadores e literatos do século XX não escaparam à sua influência: Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre, Bertrand Russell, Albert Camus, Thomas Mann, Michel Foucault, Raymond Aron. Martin Heidegger e Gilles Deleuze dedicaram longos ensaios sobre conceitos-chave do pensamento nietzschiano5.](#)

Não é fácil capturar as sutilezas e paradoxos de Nietzsche. Ele era capaz de utilizar um intrigante alter ego, meio bíblico, meio messiânico, para difundir uma filosofia assumidamente anticristã, antiquaisquer moral platônica e religiosa. E a sua espécie de livro confessional, no qual comentava sua bibliografia e disparava opiniões mordazes, tem o provocador título de Ecce Homo (este, escrito ali por 1888 e publicado post mortem), do latim "Eis o Homem". A frase teria sido proferida por Pôncio Pilatos, juiz e governador da província romana de Judeia, quando apresentou à multidão Jesus Cristo, pouco antes da Crucificação (Evangelho de João, 19:5). Megalomania de doente terminal ou sensibilidade poética?

Nietzsche era contraditório, brilhante e, sobretudo, humano. Demasiado humano.

## UM PEQUENO LUTERANO: A FAMÍLIA E A AINFANCIA DE NIETZSCHE

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu no dia 15 de outubro de 1844, na Prússia (Prüsa, Preuben)<sup>6</sup>, numa cidadezinha medieval chamada Röcken, possivelmente fundada como aldeia em 1232. Localizada na região de Sachsen-Anhalt (SaxôniaAnhalt), centro-oeste da hoje República Federal da Alemanha, Röcken continua com a aparência e os costumes de vilarejo, com pouco mais de 600 habitantes distribuídos em 11 km<sup>2</sup>, segundo as últimas pesquisas censitárias do país<sup>7</sup>.

O rebento Friedrich veio ao mundo em berço protestante. Seus pais, Carl Ludwig Nietzsche e Frau Franziska Nietzsche<sup>8</sup>, compunham uma linhagem de pastores luteranos cultos. A mãe será descrita por ele em Ecce Homo como "alguma coisa de bem alemão". Pelo lado paterno, a avó Frau Erdmuthe Krause participara dos "círculos goethianos"<sup>9</sup>. Quanto ao avô, Ludwig Friedrich Nietzsche, este era mestre em Artes, doutor em Teologia pela Universidade de Halle e pastor protestante em Wollmerstädt, na Freistaat Thüringen (Turíngia).

Carl Ludwig seguiu as pegadas do pai Ludwig e formou-se em Halle, uma das celula mater dos estudos protestantes. Fundada em 1817, a Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg surgiu da fusão entre a Halle (1694) e a Universidade de Wittenberg (1502). Nessa segunda instituição, o próprio Martin Luther<sup>1º</sup> fora professor do departamento de Teologia. Ideólogo da Reforma Protestante, autor das 95 teses expostas na Catedral de Wittenberg, em 1517, Martin Luther traduziu a Bíblia do latim para a língua alemã e é, claro, o pai



[da fé luterana da família Nietzsche. Excomungado pela Igreja Católica a 3 de janeiro de 152V'](#), Martin Luther concebeu os fundamentos da doutrina "Confissões Luteranas", interpretações das escrituras sagradas reunidas no Livro da Concórdia (1580). São elas, por ordem cronológica, "O Catecismo Menor" (1529); "O Catecismo Maior" (1529); "A Confissão de Augsburgo" (1530); "A Apologia" (1531); "Os Artigos de Escalmade" (1537); e "A Fórmula da Concórdia" (1577).

A propósito, o ano de 1844 foi crucial para outra denominação cristã protestante. Em 22 de outubro, ocorreu o "Dia do Grande Desapontamento" para os devotos da fé batista nos EUA. O fazendeiro William Miller, estudioso leigo da Bíblia, baseado em deduções matemáticas dos versículos do Novo Testamento, calculou que Jesus Cristo retornaria à Terra entre as primaveras de 1843 e 44. Miller reformulou a data para o outono de 1844, após a sugestão do pastor Samuel S. Snow. Diz-se que 100 mil pessoas esperaram o retorno de Cristo. A frustração derrubou a maioria. No entanto, um reduzido núcleo de fiéis às premissas de William Miller resistiu, criando em 1863 a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Para os adventistas, Miller cravou a data certa do evento errado. O 22 de outubro não seria o retorno físico de Cristo, mas o princípio do juízo Investigativo. A profecia estaria aclarada em Daniel, um dos escritos-elos do Antigo e do Novo Testamento: "Ele me disse: `Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário estará purificado'." (8:14)

Embora tenha ainda na juventude rompido com os pressupostos luteranos e as tradições religiosas em geral, Friedrich Nietzsche aproveitou-se e muito do caldo de cultura proveniente do

protestantismo letrado da família. A erudição iniciada na infância contribuiu para o vigor de seus postulados. E nenhuma pista indicava que o pequeno luterano Friedrich seguiria carreira diferente à do avô e do pai. Em *Ecce Homo*, as palavras de desdém à fé e a Deus - para ele uma "resposta rude" - tentam ocultar o inocultável:

"Deus', `imortalidade da alma' e além; todos esses são conceitos que nunca levei em conta: nunca com eles sacrifiquei meu tempo, nem mesmo em criança (...) Para mim, o ateísmo não é nem uma consequência, nem um fato novo: existe comigo por instinto." (*Ecce Homo*, "Por que sou tão inteligente" cap. II, 1)

Lido assim, avoadamente, parece até que o jovem Nietzsche não atravessou os aflitivos dilemas existenciais de quem viveu num lar profundamente religioso e, no processo de aprendizado, ilustração, leituras, vivências e relacionamentos passou a questionar a religiosidade, Deus e as supostas certezas bíblicas. Afirmar-se ateu por "instinto" é bastante compreensível, dada a sua postura irreverente. Agora, soa esquisito ter relatado que nada daquilo era "levado em conta", "nem mesmo quando criança". A petizada o apelidara de Pequeno Pastor- e sabe-se que o estigma exerce fortíssimo peso psicológico e psicossocial, vide Erving Goffman<sup>12</sup>

Diante do isolamento causado pela convivência fraturada com os vizinhos, ele "devorava" montanhas volumosas de livros, dentre eles a Bíblia. Interessava-se por ela. Talvez seu olhar fosse mais clínico e crítico que o habitual, preocupando-se com a forma literária, linguística e filosófica dos evangelhos, daí que tenha se tornado um ótimo aluno no tema.

## A MORTE DO PAI E A MUDANÇA PARA NAUMBURG

Em 1849, aos cinco anos de idade, Nietzsche perdeu precocemente o pai e o irmão caçula. Carl Ludwig contava meros 36 anos! Por conta dessa circunstância trágica, a mãe Franziska juntou os filhos Friedrich e Elizabeth e mudou-se para Naumburg, mais populosa que Rõcken, cidade também situada na Saxônia-Anhalt. Com os três vão morar duas tias e a avó. Friedrich era uma ilhota masculina num arquipélago de mulheres - eles viviam bem e afetuosamente. A casa em que residiram, na rua Weingarten, número 18, é atualmente o endereço do Museum Nietzsche-Haus, o Museu Casa de Nietzsche, um dos pontos turísticos obrigatórios numa cidade já repleta de monumentos arquitetônicos góticos construídos do século XIII ao XV.

Ensimesmado, considerado arredio ao convívio social, Nietzsche perambulou de escola em escola sem criar "raízes" e laços de amizade. Era quilométrica a distância intelectual a separá-lo da meninada de escola. Escassez de namoricos e brincadeiras. Até que, em 1858, aos 14 anos, obteve uma bolsa de estudos no seletivo internato Colégio Real de Pforta. Antiga abadia administrada desde 1137 pela ordem monástica católica dos Cister, o Schulpforta teve o ciclo católico quadricentenário interrompido em 1540, quando assumiu o local o duque da Saxônia Heinrich IV, um protestante. Seu filho, Moritz von Sachsen, inaugurou ali o liceu a serviço da Prússia no ano de 1543. A escola permanece ativa como o Die Landesschule Pforta, o Colégio Nacional de Pforta, para 300 matriculados. Antes do ingresso de Nietzsche, estudara naquele educandário Johann Gottlieb Fichte, autor de Fundamentos da Doutrina da [Ciência](#)

[\(1794\), filósofo entre os favoritos de Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Arthur Schopenhauer](#)<sup>13</sup>

A estadia em Pforta foi extraordinária para o seu desenvolvimento intelectual. A saudade da mãe e da irmã, somada ao temperamento recluso, o manteve absorvido pelos estudos. Leu à vera os poetas românticos, principalmente o britânico Lord Byron. Da pena de Byron saiu o poema-épico Donjuan (1821), uma das versões da lenda revisitada pelo dramaturgo Molière (Donjuan, 1665), pelo músico e compositor Mozart (Don Giovanni, 1787) e pelo escritor Alexandre Dumas (Donjuan de Marana, 1831). Mais tarde, Nietzsche esculhambaria o Romantismo.

[Veja só! A família protestante e uma pitada de filosofia, helenismo, poesia e romantismo. O resultado da alquimia? Afinou o senso crítico. Vislumbrou as contradições e as falácias. Ali, no silêncio de Pforta, começou a questionar o cânone e os símbolos. Deus passou a deus. Não sem antes Nietzsche sentir as angústias e as pressões da mudança, da sua "conversão" ao ateísmo. O interesse pela teologia resistia aos trancos e barrancos. Scarlett Zerbetto Marton, professora de História da Filosofia da Universidade de São Paulo e coordenadora do Grupo de Estudos Nietzsche \(GEN/USP\)](#)<sup>14</sup>, [escreve que "\[Nietzsche\] queria ser pastor como o pai, por isso dedicava-se intensamente à teologia"](#)<sup>15</sup>. Teologia, luteranismo e o dogmatismo cristão, porém, foram flertezinhos acanhados perto da paixão arrebatadora nele despertada pela música.

A crença na fé cristã-protestante foi se afastando, esvaindo-se e, mesmo assim, Nietzsche ainda cogitou cursar Teologia na Universidade de Bonn. Abandonou a pretensão em fins de 1864 para adentrar no ano seguinte à reputada Universidade de Leipzig e ao

universo da filologia, estimulado pelas exposições e conselhos de Friedrich Wilhelm Ritschl, professor de filologia e cultura grega em Bonn e Leipzig. Data daí o começo da conversão definitiva do angustiado pequeno luterano no pensador irrequieto que conheceremos.

## O ano de 1844 na História

27/02 - A República Dominicana declara independência do Haiti.

16/04 - Nasce o escritor francês Anatole France, morto em 1924.

21/05 - Nasce o pintor francês Henri Rousseau, morto em 1910.

29/07 - Morre o filho de Mozart, o músico Franz Xaver Wolfgang Mozart.

- Alexandre Dumas (1802-1870) conclui Os Três Mosqueteiros e O Conde de Monte Cristo.

- É lançado o ensaio "Sobre a Questão judaica", do teórico alemão Karl Marx (1818-1883).

- É editado O Conceito de Angústia, do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855).

- O romancista português Alexandre Herculano (1810-1877) publica Eurico, o Presbítero.

- O escritor brasileiro Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) lança A Moreninha.

## DE PFORTA À BASILEIA, O DESPERTAR FILOSÓFICO

Na Universidade de Leipzig, donde foram alunos o filósofo e matemático Gottfried Wilhelm von Leibniz - de quem Nietzsche herdará o conceito de perspectivismo - e o escritor romântico Johann Wolfgang von Goethe, Nietzsche mergulhou de cabeça nas predileções intelectuais fomentadas pelas leituras de mocidade: helenismo, latim, romantismo, Esquilo, Homero, Sócrates, Platão. Teve envolvimento efêmero com farras, bebidas e festejos, sem maiores consequências para o seu desempenho estudantil, continuamente destacado.

Numa definição técnica e formalista, a disciplina que escolhera seguir, a Filologia, orienta-se para as pesquisas linguísticas e de análise semântica e textual. Parece restritivo. Parece, não é. Longe disso. O leque admirável de saberes, assegurada aos alunos de boa vontade, também era viabilizado pelo sistema de ensino prussiano, embora este fosse rotulado de frágil e declinante por Nietzsche em seus quatro ensaios "intempestivos", em que exaltava o autodidatismo de Schopenhauer e Richard Wagner. Desfrutado por Nietzsche em Pforta e Leipzig, o alicerce de austeridade e excelência na educação de elite será passado adiante à Alemanha unificada. A despeito da função política e conjuntural da láurea, a quantidade de prêmios Nobel, outorga concedida pela Fundação Nobel a partir de 1901, oferece-nos alguma noção sobre o nível de estrutura educacional e desenvolvimento científico de um país. Até a edição

[2008, os alemães amalhavam 101 prêmios16](#) e são os terceiros colocados no ranking geral da premiação.

[Nietzsche trazia consigo, em dose dupla e reforçada, aquilo que quase cem anos depois o sociólogo francês Pierre Bourdieu e a moderna pedagogia denominariam de "capital cultural"17](#): a biblioteca privada, os gostos, o estilo de vida, os ensinamentos transmitidos pelos familiares e a oportunidade de completar seus estudos em Pforta, Bonn e Leipzig. Potencializados, como deu para notar, pela sua incansável disposição para a apreensão de conhecimentos.

\*\*\*

[O contexto da época era de intensa agitação política, cultural, artística e científica \(veja o box ao final do capítulo\). Pulsavam no coração da Europa a história, a literatura, o direito, a sociologia, a economia e as ciências naturais. Respaldados pelo orgulho bélico \(vitória sobre as tropas da França\), pelo empreendedorismo de tentos ilustres \(Werner von Siemens, Friedrich Bayer, Robert Koch, Adolf von Baeyer etc.\) e pela narrativa identitária da Kultur18](#), em 1871 os povos germânicos uniram-se e corporificaram-se no Estado-Nação Alemanha. Naqueles idos e vividos, Friedrich Nietzsche era um professor de filologia recém-formado, inédito em papel, brochura e capa dura. Veremos, adiante, que Nietzsche servirá como voluntário na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), decisiva para os rumos do império germânico. Isto é, antes de Nietzsche se transformar num contraponto desencantado da civilização ocidental.

**DEPOIS DA QUEDA, O COICE!**

Em meados de 1866, o universitário Nietzsche alistou-se no exército da Prússia, mas sua aventura militar acabou abreviada após literalmente cair do cavalo. A montaria acidentada rendeu-lhe avarias na musculatura peitoral e cinco meses de "estaleiro". No retorno a Leipzig, o tenaz estudante desdobrou-se, recuperou o tempo perdido e conseguiu concluir a universidade. Com honra, mérito e lisonjas, já se permitia cultivar amizades com o historiador da arte Jacob Burckhardt e Richard Wagner, afamado compositor, ex-aluno de Leipzig e trinta anos mais velho do que ele. Ao lado de Wagner, Nietzsche viveria anos de convivência afetiva, companheirismo e parceria intelectual. Vínculo interrompido por atritos que resultaram em rixa e distanciamento.

A universidade, instituição burocrática e ritualizada de ensino, é geradora de saber e de espaços essenciais para a ciência e o conhecimento, mas possui pincas de normas e restrições e costuma ser assombrada por "espíritos" para lá de conservadores. A absoluta emancipação das regras e das amarras era um sentimento latejante em Nietzsche. Uma vez formado, planejava viajar, talvez passar umas temporadas em Paris - a meca cultural europeia. A Cidade-Luz resplandecia as reformas urbanas e sanitárias levadas a efeito pelo Barão de Haussmann, prefeito interventor do departamento do Sena, nomeado por Napoleão III. Os novíssimos bulevares e as luzes parisienses encantavam tanto quanto seus cafés, collèges e artistas.

A Paris segundo Nietzsche:

` A delicadeza de todos os cinco sentidos artísticos que requer a arte de Wagner, a habilidade em coligir diversos matizes, a morbidez psicológica, não se encontram senão em Paris. Em nenhum outro lugar as questões de forma apaixonam tanto e a



miseen-scène é levada tão a sério; essa é a seriedade parisiense por excelência." (Ecce Homo, "Por que sou tão inteligente" 1,, 5)

E arrematou, impiedoso e generalista: "os alemães são todos bonachões".

Diploma na parede, "malas prontas", e eis que um repentino convite o fez abortar os planos de flâneur na terra de Voltaire e Diderot. A ascendência de Ritschl sobre os círculos acadêmicos operou novamente em favor do pupilo. Aos 24 anos, foi oferecida a Nietzsche a vaga de professor de Filologia Clássica na Universidade da Basileia, na Suíça. E ele aceitou o desafio.

#### PROFESSOR E VOLUNTÁRIO DE GUERRA

No belíssimo cantão da Basileia, Nietzsche intercalou momentos de reconhecimento e incompreensão. Calmaria e tormenta. Acolhido de modo cortês pela sociedade local, era visto com reservas pelos colegas de universidade. Assim como o tutor Ritschl, Nietzsche acreditava na filologia "liberta" do confinamento dos estudos linguísticos que abarcasse a história das ideias. Acreditava tanto, tanto, tanto nisso, que logo se percebeu o engano: sua praia era a filosofia.

Recrudescia o calvário íntimo: miopia espantosa, reumatismo, crises severas de enxaqueca, dores musculares agudas. Periclitante de nascença, a débil saúde o esmigalhava sem a menor chispa de piedade e cerimônia. A queda nos exercícios militares de 1867 e o correr das décadas agravaram as enfermidades.

A guerra dos estados germânicos liderados pela Prússia do chanceler Otto von Bismarck contra a França de Napoleão III estourou no ano de 1870. Os franceses pressionavam a Prússia a não aceitar que o príncipe Leopold, primo do rei prussiano Wilhelm 1, assumisse o trono da Espanha, a ele oferecido pelas lideranças espanholas. O posto estava vago desde a abdicação da Rainha Isabel II, consequência da Revolução de 1868<sup>19</sup>. Da negativa à hostilidade, da hostilidade às armas: os franceses se revoltaram com o teor do Despacho de Ems, telegrama emitido por Bismarck relatando o encontro entre o kaiser Wilhelm 1 e o embaixador da França, em Bad Ems, na Prússia. Daí em diante, as animosidades históricas transbordaram...

A 19 de julho de 1870 era declarada a Guerra Franco-Prussiana.

As autoridades suíças autorizaram Nietzsche a servir de voluntário no front. Ele afastou-se da rotina das aulas para atuar como enfermeiro de campanha. Viu espetáculos dantescos de sangue, lama e horror. O lado torpe da existência alterou-lhe a consciência, o cheiro dos livros se misturava agora ao odor dos campos de batalha.

Paris, janeiro de 1871. No Palácio de Versalhes, local escolhido pela cúpula prussiana para o funcionamento do seu quartel-general na apossada e combalida capital francesa, Wilhelm 1 era coroado imperador da Alemanha. A vitória germânica foi sacramentada a 10 de maio de 1871, por meio da assinatura do Tratado de Frankfurt. O nacionalismo e o desejo de uni ficção, atizado pela glória, institucionalizava-se naquele ano. Erguia-se o Segundo Reich.

O "vitorioso soldado" Friedrich Nietzsche voltou então à vidinha acadêmica na Basileia, alquebrado pela disenteria e difteria

adquiridas no front. Regressava à Basileia para enfrentar o demônio da limitação física e a rejeição em sua estreia autoral.

## O PRIMEIRO LIVRO, A PRIMEIRA DECEPÇÃO

[Enfermo, descrente, ferido, Nietzsche retomou o posto, iniciando a frenética produção de livros. De 1872 a 1888 escreveu à beça. O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música fora o seu debute editorial](#)". Lançado em janeiro de 1872, não repercutiu o esperado. Quem se atreveu a resenhá-lo atacou-lhe a falta de "embasamento científico". A imensa decepção de Nietzsche se converteu em crise de identidade. Fadado ao ofício das letras, ele não rodopiava risonho e diplomático pelos salões luxuosos do poder. Escrevia, escrevia e escrevia. Inclusive sobre seus pensadores de cabeceira e ouvido, Schopenhauer e Wagner: Schopenhauer como Educador, de 1874, e Richard Wagner em Bayreuth (1876), ensaios de "Considerações Extemporâneas" (1873-76). Ampliado e republicado em 1886, Humano, Demasiado Humano encerrou a fase da Basileia.

O biênio 1878-79 desabou feito tempestade em Nietzsche. Uma enxurrada de decepções e ceticismo. A arrogância, o personalismo, o namoro com o cristianismo e o sucesso popular de Richard Wagner o incomodavam. Nietzsche o acusou de se render aos apelos popularescos e aos valores da cristandade. Azedada, encerrou a amizade de uma década com o compositor de Tristão e Isolda e A Valquíria. E, de resto, acentuou o caráter irascível.

As dores de cabeça se intensificavam; Nietzsche já não suportava a rotina dos cursos e conferências. A vista fraca, turva, o impedia de trabalhar, escrever, ler e preparar as aulas regularmente. No mês de maio de 1879, enviou a sua carta de demissão aos diretores da

universidade. De pronto, recebeu aposentadoria de 4 mil francos. O dinheiro serviu para bancar a jornada errante pela Europa, sob dores lancinantes e a mente fértil.

Era o prelúdio do declínio pessoal. E de uma batelada de obras-primas.

## **Richard Wagner, o ex-amigo do peito**

Escreveu Nietzsche a respeito de Wagner:

"Devo gastar uma palavra para exprimir o meu reconhecimento a quem me recreou mais íntima e docemente: isso é, sem dúvida, a íntima amizade que me ligou a Richard Wagner. Pouco se me dão as relações com os homens, mas por preço algum eu quisera cancelar de minha vida os belos dias de Tribtschen, dias de confiança, de ternura, de casos sublimes, de instantes profundos..."

"O que nunca poderei perdoar a Wagner? A sua condescendência para com os alemães, a sua adaptação, a ponto de se tornar um bom alemão... Para onde quer que passe, a Alemanha destrói [anula] a cultura (...)"

"Desde o momento em que tive uma partitura de piano do Tristão (...) tornei-me um wagneriano. As obras anteriores de Wagner me pareciam inferiores, vulgares, demasiado alemãs'..."

"Richard Wagner é o grande benfeitor de minha vida."

Espalhadas por cinco parágrafos do capítulo "Por que sou tão inteligente", de *Ecce Homo* (1, 5 e 6), as considerações de Nietzsche sobre o compositor Richard Wagner exprimem a intensidade da ligação entre os dois, que se conheceram pela intermediação do cunhado de Wagner, professor na Basileia. O filósofo não negaria jamais a admiração intelectual e artística pelo músico, a quem um dia venerou feito deus pagão. Ambos adoravam a filosofia de Schopenhauer. As rugas apareceram quando Wagner adotou, sempre de acordo com a visão de Nietzsche, certo convencionalismo estético e conceitual. A má impressão da apresentação de *O Anel dos Nibelungos*, no teatro de Bayeruth, foi a gota d'água. Essa postura "conformista" de Wagner o teria aproximado de uma derrocada artística e cultural. Mas o filósofo destilaria a maior carga de ira e veneno contra os wagnerianos, subprodutos da pior fase do compositor.

[O amor de Nietzsche pela música apimentou o conflito. O filósofo magnífico não exibia os dotes musicais que gostaria. As partituras e a fama de Wagner representavam seus sonhos de expressão artística](#)<sup>21</sup>. No século XX, o filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno passaria por situação semelhante - não por acaso vai recorrer a determinados textos e argumentos propostos por Nietzsche. A questão da "indústria cultural", isto é, a rendição da cultura à lógica do mercado, aos estratagemas de um sistema fundado na reprodutibilidade técnica, na mesmice e no lucro, é uma das críticas do chefe da Escola de Frankfurt à sociedade moderna e industrial. Musicólogo e pianista mediano, Adorno, porém, traiu-se pela "alma" de compositor irrealizado. Caiu no perigoso essencialismo estético. Num ensaio de 1953 intitulado "Moda intemporal - sobre o jazz", editado no Brasil pela Ática, Adorno classifica o jazz como um "fenômeno de massa", diluição e empobrecimento musical em nome da indústria fonográfica em fase

de galopante expansão nos EUA. Esmiúça até os riquíssimos detalhes técnicos: limitação de tempo, monotonia melódica, repetição do núcleo e variação de periferia sonora. Para Adorno,

"(...) à mesmice do jazz, que levanta a questão de como é possível que milhares de pessoas ainda não tenham se cansado desse estímulo monótono." (p. 118)

A birra de Nietzsche contra Wagner caminhava nessa direção. E há motivos tanto para avalizar quanto para discordar de suas justificativas. Porque é da natureza da arte... Gosto é gosto... E quem dera toda a crítica tivesse a fundamentação de Nietzsche e Adorno.

\*\*\*

Nascido em Leipzig, em 22 de maio de 1813, o compositor Wilhelm Richard Wagner foi o Übermensch de Nietzsche. Ou quase. Artista múltiplo e carismático, tinha além das qualidades de musicista a verve de ensaísta polêmico. Galante e vaidoso, teve várias amantes e casou-se duas vezes: com a atriz Minna Planer, de quem se separou em 1858, e com a filha do célebre pianista húngaro Fritz Liszt, Cosima, ex-esposa do maestro Hans von Bülow. Cosima e Wagner oficializaram o matrimônio no ano de 1870 e tiveram três filhos: Isolda, Eva e Siegfried. O casal foi morar na cidade de Tribschen, na Suíça. O professor Nietzsche ia visitá-los assiduamente. O lar dos Wagner era o seu "refúgio".

Nietzsche e Cosima idolatravam a Wagner. Mas ele, óbvio, era um sujeito passível de mesquinhas, dores, frustrações, fraquezas e erros crassos. Era capaz de encantar as plateias e de gerar repulsas. No auge da refrega franco-prussiana, Wagner foi identificado como a

personificação do espírito alemão, o "gênio da raça". Suas composições igualmente adquiriram uma tonalidade nacionalista. Os novos caminhos artísticos wagnerianos e a intimidade fizeram Nietzsche perceber quem era, de fato, o homem. Ecce Homo, Nietzsche! Por outro lado, Wagner e Cosima começaram a estranhar as reações intempestivas do amigo. Loucura à vista?

Richard Wagner morreu em Veneza, na Itália, a 13 de fevereiro de 1883 - Cosima faleceria em 1930. Parsifal, a obra derradeira, foi composta no ano anterior. Ao amigo Franz Overbeck, Nietzsche enviou dias depois do passamento de Wagner uma carta emocionada em que o descrevia com carinho e reverência, sem abandonar as razões do distanciamento.

Wagner publicou esporadicamente artigos de acento antissemita e passou para a História como "o compositor [do nazismo](#)", [embora estivesse morto há 50 anos quando Adolf Hitler e o Partido Nacional Socialista \(PNS\) ganharam o poder da Alemanha, instaurando o Terceiro Reich. Favorito do Führer? Trilha sonora para as investidas da Schutzstaffel22?](#)

Curiosamente, Wagner participou de agitações comunistas e atividades revolucionárias. Chegou a ser condenado pela panfletagem! O teórico anarquista Mikhail Bakunin foi seu parceiro e amigo na cidade de Dresden. E agora? Ele era nazista? Comunista? Anarquista? Generalizações ideológicas são grosseiras e impedem o exame minucioso do conjunto. Diluídas em águas sujas de fanatismo e saqueadas pelos oportunistas da retórica, as ideias servem a qualquer causa ou líder. Os livros e as máximas de Nietzsche receberão tratamento semelhante.

Desfeita a amizade, Nietzsche colocaria em perspectiva seus artigos e ensaios sobre a obra de Richard Wagner nos livros *O Caso Wagner e Nietzsche contra Wagner*, editados em 1888.

## **DOM QUIXOTE DE LA NIETZSCHE**

Os biógrafos e historiadores separam a vida de Friedrich Nietzsche em quatro fases bem delineadas e esquemáticas. Sigo direitinho por essa trilha picada pelos sagazes desbravadores, pois facilita a leitura compreensiva dos principais momentos do filósofo. É necessário recordar, porém, de que o flagelo físico e as ideias rutilantes de Nietzsche devem ser percebidos como processos contínuos acentuados no dia após dia, da infância luterana em Röcken até o último e delirante suspiro em Weimar. Não restam dúvidas de que suas viagens pela Europa impressionam por conjugar ao agravamento das debilidades físicas e psíquicas a produção em série de livros futuramente canonizados por acadêmicos e leitores comuns.

Triste a sina do homem: vivo o autor, livros ignorados. Após o passamento, o êxito. Nietzsche nasceu póstumo... O Vincent van Gogh da palavra.

Vamos lá: 1879 a 1889, uma década que representa o período na obra nietzschiana? Devemos lidar cuidadosamente com esses anos. Tomar por verdade incontestável o *Ecce Homo*, as cartas e os rascunhos autobiográficos é dar voz a uma narração sob a interferência de drogas e abalos psicológicos. Sem elas, no entanto, perde-se um elemento vital. As peças só se encaixam quando recorreremos, de modo equilibrado e crítico, às biografias de fôlego assinadas por terceiros e às fontes deixadas por Nietzsche.



Aposentado aos 34 anos e com 4 mil francos mensais, Nietzsche teria decidido partir em busca de lugares "propícios" para cuidar da saúde. Queria respirar um ar puro, limpar os pulmões. O ordenado era suficiente para, por exemplo, viver modestamente numa moradia digna e fixa, seja nos cantões suíços, seja no regresso à Alemanha. Não passaria fome e apertos jamais, nem teria à disposição talheres de prata e finas especiarias. Ficaria no meio termo. Mas ao se propor o toar europeu, ele assumiu os riscos do seu nomadismo: dormir em pensões baratas, comer porcarias, abrir mão do anteparo médico e familiar.

O Nietzsche da Basileia já era um espírito indomável, desprovido de mesuras políticas entre os "iguais". Disparava a me tralhadora verbal (por sinal, a metralhadora, a arma de fogo e não a palavra nietzschiana, foi inventada no século XIX) contra a universidade e seu corpo docente, a falta de imaginação de poetas, os burocratas e quem aparecesse por perto. A Grécia Clássica era o horizonte ideal. Nas composições de Wagner e, por que não, na filosofia de Schopenhauer entreviu o resgate helênico, a retomada de rumos da nau da civilização. Desencantou-se deles. Liberto dos antigos pilares intelectuais, sem lar e referências, passou a ser um viajante agitado. Não ultrapassava seis, sete meses numa mesma cidade. Pagava as contas e caía fora.

Nessa fase de "filósofo errante" sobram listas. A de cidades tem registradas as estadias em Gênova, Veneza e Turim (Itália); Nice (França); e Sils-Maria e Haute-Engadine (Suíça). Os livros escritos são encabeçados por A Gaia Ciência (1882), Assim falou Zaratustra (1884-85), Para Além do Bem e do Mal (1886), Genealogia da Moral (1887) e O Anticristo (1895). A listagem de doenças (dores

estomacais, febres, náuseas, espasmos musculares, miopia) é tão comprida quanto a de leituras (Stendhal, Balzac, Dostoiévski, Diderot, Voltaire).

Nietzsche evitou o quanto pôde o coitadismo, o discurso de vítima, embora transpareça na escrita a frustração por ser "incompreendido". Segue o lema do amor fati (em latim, amor ao destino), o "amar o que não pode ser mudado". Ele continuaria firme a combater os moinhos de vento. Até dicas de nutrição Nietzsche se encarregaria de nos oferecer!

Não se sabe se Nietzsche foi um precursor da autoajuda, mas usado e abusado pela filosofia clínica e, como tais, ele tem sido um bocado: ele e Proust, Balzac, Platão e Schopenhauer. Brincadeiras à parte, a primeira cobaia do laboratório de Friedrich Nietzsche foi... Friedrich Nietzsche. Ele resolveu se "autoajudar" a sarar das doenças que o aniquilavam e entrou de vez pelo cano: ele montava cardápios e dietas que deixariam os nutricionistas do século XXI de cabelo em pé! Não satisfeito, ministrava os próprios medicamentos, a saber: soporíferos e haxixe.

A introspecção do filósofo não impedia às boas almas de auxiliá-lo na revisão dos textos. Nietzsche andava enxergando somente vultos e borrões. As dores intermináveis não lhe davam trégua e o desgosto pela indiferença dos leitores terminava de executar o serviço. As moças por quem se apaixonava desprezavam o seu amor. E os amigos preferiam o silêncio quando instados a analisar os originais de Nietzsche. O professor Erwin Rohde sequer deu-se o trabalho de responder à carta remetida pelo filósofo junto com um exemplar do livro Aurora. As confrarias do "bem pensar" não

repercutiam seus escritos. Destes, o destino se encarregou: todos caíram no ostracismo. O tempo tirou-lhes o crédito. Nietzsche ficou.

## O avesso do Don Juan

Uma canção de sucesso da banda Radiohead, incluída no álbum Pablo Honey de 1993, tornou-se o hino dos sujeitos autodepreciativos. "Creep" canta o amor impossível de um homem "esquisitão" pela musa "fucking special". O refrão de Thom Yorke explica:

But I'm a creep/I'm weirdo/What the hell am I doing here/I  
don't belong here

[Eu sou um verme (horroroso!)/Eu sou um esquisitão/Que  
diabos estou fazendo aqui?/Eu não pertencço a este lugar]

Nietzsche provavelmente não escreveria versos como esses. Agora, tivesse ele vivido as desventuras amorosas na década de 1990 e se rendido ao rock e à música popular, quem sabe não tivesse fraquejado e cantarolado a música de Yorke? Razões não faltavam... As mulheres não o desejavam, quer dizer, as mulheres de sua estima não correspondiam aos seus sentimentos. Compadecida, fraca Mawilda von Meysenburg, escritora e amiga do filósofo, tentou inutilmente arranjar-lhe uma companheira, um casamento.

A grande paixão de Nietzsche foi por uma bonita moçoila de São Petersburgo. Se Nietzsche nascera póstumo, Lou Andreas-Salomé viveu à frente de sua época. Ela teve inúmeros romances e, intelectualizada, manteve afinidades e conversas

com Freud, Carl Gustav Jung e Henri Bergson. Nietzsche apaixonou-se pela beleza e inteligência de Salomé. E ela... nem se lixou.

Lou Salomé casou-se com o poeta Reiner Maria Rilke em 1882. Nietzsche morreu só. Sem esposa nem filhos. Os amores cessados pela indiferença. O amor de uma mulher: desejo carnal e afetivo a ele negado e que não poderia jamais se realizar postumamente.

## **LOUCURA E AGONIA: OS ÚLTIMOS DIAS DO FILÓSOFO "CRUCIFICADO"**

Devastado, Nietzsche sofreu um colapso nervoso em Turim, no início de 1889. Precisou ser recolhido e interditado. Assinava missivas como Dionísio e, olha lá!, Jesus Cristo e Crucificado. Devaneios e delírios. Em 10 de janeiro, deu entrada numa clínica psiquiátrica da Basileia, para em seguida ser transferido à lena. O caso do filósofo foi diagnosticado como irreversível. Abuso das drogas? Hereditariedade? Efeitos da sífilis? Internado não ficou muito tempo. Nos primeiros dias de agosto de 1890 foi entregue aos cuidados familiares. O hiato dessa década recobre-se de nuvens de dúvidas. Tragicamente, quando começou a ser reconhecido - um pouquinho só, é verdade -, a loucura o impediu de gozar da "notoriedade".

[Elizabeth levou-o para a cidade de Weimar, em 1897. Decretada no século XX patrimônio cultural pela Unesco, órgão vinculado à ONU, lá residiram gênios das artes alemãs. Havia em cada canto de Weimar uma aura de mistificação e mitificação. O ponteiro do](#)

relógio badalava o meio-dia de 25 de agosto de 1900 quando o coração de Friedrich Wilhelm Nietzsche parou de bater<sup>23</sup>. Sua morte não arrancou as lágrimas do povo". A profecia à Ia Zaratustra de morrer incompreendido e renascer para a História consumou-se. O homem pereceu; a obra perpetuou-se pelos motivos de sua grandeza de estilo e conteúdo ou mesmo quando pervertida, inclusive pela irmã que o velou.

Nietzsche revelou-se, imodesto e certo:

"Somente os dias vindouros me pertencem. Alguns homens nascem póstumos."

E nascem mesmo!

A ÉPOCA DE FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE (1844-1900)

## Datas e acontecimentos históricos

Ano/Período	Acontecimento/Evento
1845	Na Grã-Bretanha, é promulgada a Lei Bill Aberdeem, proibindo o comércio de escravos. O tráfico e tráfego da África às Américas seriam reprimidos pela marinha inglesa.
1846-1848	Tem início a guerra entre Estados Unidos e México. Ao cabo dos enfrentamentos, os EUA anexaram ao seu território as regiões do Texas, Arizona, Nevada, Utah, Novo México etc.
1848	Eclodem insurreições na Europa contra os regimes monárquicos e a crise financeira. Na França, a “revolução” derruba a monarquia e instaura a Segunda República.
1849	Em 7 de outubro, morre na cidade de Baltimore o escritor e poeta estadunidense Edgar Allan Poe. Seu conto mais conhecido é <i>Os assassinatos da rua Morgue</i> , de 1841.
1853	Nasce, em Zundert, o pintor pós-impressionista Vincent van Gogh. É do artista holandês as obras <i>Os Comedores de Batatas</i> (1885) e <i>Autorretrato com a Orelha Cortada</i> (1889).
1856	“O Tratado de Paris”, de 30 de março, ratifica a derrota da Rússia na Guerra da Crimeia (1853-1856). Os russos encaravam britânicos, franceses, sardenhos e turco-otomanos.  De origem judia, Sigmund Freud nasce na cidade de Pribor, território da Morávia anexado pelos tchecos.
1857	Morre em Paris o filósofo francês Auguste Comte, tido como o fundador e formulador do positivismo e da sociologia.
1860	O filósofo alemão Arthur Schopenhauer falece em Frankfurt, no dia 21 de setembro. A obra de Schopenhauer será vital para as formulações de Nietzsche.
1861-1865	Período da Guerra Civil nos EUA. A Guerra de Secessão opunha os estados do Sul (escravistas e latifundiários) aos do Norte (abolicionistas e industrializados).

1863	Na Inglaterra, um jogo de bola praticado com os pés é institucionalizado e organizado em Londres: o futebol, então regulamentado pela <i>Football Association</i> .
1865	O republicano Abraham Lincoln, presidente dos EUA, é assassinado em 14 de abril.
1869-1870	Ocorre o Concílio Vaticano I, convocado e presidido por Papa Pio IX. Uma das resoluções foi a constituição <i>Pastor Aeternus</i> , que reafirmava o primado do Papa sobre a fé e moral.
1870-1871	Início da Guerra Franco-Prussiana, da qual Nietzsche tomará parte como voluntário dos quadros prussianos. O desfecho do episódio é a unificação da Alemanha, em 1871.
1870	Tem encerramento o processo de <i>Risorgimento (Ressurgimento)</i> , movimento que ao longo de sete décadas promoveu a unificação da Itália. Roma é instituída sua capital.  Nasce Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin, líder revolucionário da Revolução Russa de 1917, primeiro governante da União Soviética (1922-1924).
1871	De 26 de março a 28 de maio de 1871 vigorou na capital da França a Comuna de Paris, brevíssimo governo de inspiração proletária e socialista.
1878	Invasões de território e mudanças geopolíticas à vista: Bulgária e Sérvia declaram as suas respectivas independências e a Grã-Bretanha invade o Afeganistão.
1879	Albert Einstein nasce em Ulm, na Alemanha. O físico alemão radicado nos EUA ganhará notoriedade por sua Teoria da Relatividade expressa nos livros <i>Teoria Especial da Realidade</i> (1905) e <i>Teoria Geral da Relatividade</i> (1916).
1881	Nasce em Málaga o pintor e escultor espanhol Pablo Picasso, um dos gênios criadores do cubismo. Picasso é considerado um dos maiores artistas do século XX.
1882	Charles Darwin, naturalista britânico, morre em 19 de abril. Autor do clássico <i>A Origem das Espécies</i> (1859), Darwin fundamentou o evolucionismo e a teoria da seleção natural.  Dois de junho é a data do falecimento de Giuseppe Garibaldi, guerrilheiro de participação destacada na unificação italiana e, posteriormente, em insurreições na América do Sul.

1883	Morre em Londres o filósofo, economista e historiador alemão Karl Marx. Suas obras teóricas e manifestos inspiraram movimentos socialistas e comunistas no mundo inteiro.
1888	Em 13 de maio, é oficialmente abolida a escravidão no Brasil. A intitulada Lei Áurea é assinada pela Princesa Isabel.  O poeta dos heterônimos Fernando António Nogueira Pessoa nasce em Lisboa, no dia 13 de junho. Pessoa "era" também Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro.
1889	Proclamação da República no Brasil em 15 de novembro. Dias depois, a família real já se achava no exílio em Paris.  Centenário da Revolução Francesa.
1898	O navio <i>USS Maine</i> é destruído no mar de Havana, na ilha de Cuba, deflagrando a Guerra Hispano-Americana. O conflito se dá entre espanhóis e estadunidenses. Com o triunfo yankee, ex-colônias espanholas como Porto Rico e Filipinas são anexadas aos EUA.
1900	O imperador Wilhelm I demite o chanceler de aço Otto von Bismarck.

---



## Algumas das invenções e descobertas do período

Ano	Invenção/Descoberta
1846	<p>Descoberta do Planeta Netuno, por Urbain Le Verrier, John C. Adams e Johann Galle.</p> <p>O escocês Robert William Thompson obtém a patente dos pneumáticos. O método de vulcanização de borracha, porém, teria sido inventado por Charles Goodyear, em 1839. A patente de Goodyear saiu em 5 de julho de 1843. Quase simultaneamente, Thomas Hancock faria o mesmo na Inglaterra. Não são raros os casos de paternidade científica incerta.</p>
1847	O cientista italiano Ascanio Sobrero descobre a nitroglicerina.
1863-67	O químico sueco Alfred Nobel inventa a dinamite.

1876	O cientista escocês Alexander Graham Bell patenteia sua maior invenção: o telefone.
1877	Thomas Alva Edison cria o fonógrafo, aparelho precursor dos gravadores de som.
1880	O industrial alemão Werner von Siemens – o fundador da Siemens – constrói o elevador elétrico.
1882	O médico alemão Robert Koch descobre o Bacilo de Koch, a bactéria da tuberculose.
1883	Ícone da microbiologia, Robert Koch mapeou o vibrião colérico do Cólera.
1887	John B. Dunlop produz um modelo de pneu com câmara de ar, adaptável ao triciclo.
1895	A projeção (via cinematógrafo) dos irmãos franceses Auguste e Louis Lumière de <i>A Saída da Fábrica Lumière em Lyon</i> é considerada o marco zero do cinema.
1896	Giglielmo Marconi, físico italiano, leva adiante as formulações de James Maxwell e Hermann Hertz e desenvolve o sistema de comunicação via rádio.
1897	O cientista britânico John Joseph Thomson identifica a partícula subatômica <i>elétron</i> .

## Correntes políticas, teóricas e ideológicas

Liberalismo, anarquismo, socialismo utópico, socialismo "científico", socialismo, comunismo, pragmatismo, utilitarismo, positivismo, darwinismo e evolucionismo social. As ciências sociais e a psicologia surgem para tentar explicar o homem e a sociedade moderna.

**Quinze obras relevantes do período (não-ficção) – exceto os livros de Nietzsche**

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
<i>A Ideologia Alemã</i>	Karl Marx e Friedrich Engels	1845-46
<i>Manifesto do Partido Comunista</i>	Karl Marx e Friedrich Engels	1848
<i>O Desespero Humano</i>	Søren Kierkegaard	1849
<i>A Desobediência Civil</i>	Henry David Thoreau	1849
<i>Parerga e Paralipomena</i>	Arthur Schopenhauer	1851
<i>Uma Investigação sobre as Leis do Pensamento</i>	George Boole	1854
<i>O Antigo Regime e a Revolução</i>	Alexis de Tocqueville	1856
<i>Sobre a Liberdade</i>	John Stuart Mill	1859
<i>A Origem das Espécies</i>	Charles Darwin	1859
<i>A Cultura do Renascimento na Itália</i>	Jacob Burckhardt	1860
<i>O Capital</i>	Karl Marx	1867
<i>Da Divisão do Trabalho Social</i>	Émile Durkheim	1893
<i>As Regras do Método Sociológico</i>	Émile Durkheim	1895
<i>Vontade de crer e Outros Ensaios sobre Filosofia Popular</i>	William James	1897
<i>A Interpretação dos Sonhos</i>	Sigmund Freud	1900

**Quinze obras relevantes do período (ficção/poesia)**

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
<i>O Conde de Monte Cristo</i>	Alexandre Dumas	1844
<i>Os Três Mosqueteiros</i>	Alexandre Dumas	1844
<i>Moby Dick</i>	Herman Melville	1851
<i>As Flores do Mal</i>	Charles Baudelaire	1857
<i>Madame Bovary</i>	Gustave Flaubert	1857
<i>Grandes Esperanças</i>	Charles Dickens	1861
<i>Os Miseráveis</i>	Victor Hugo	1862
<i>Crime e Castigo</i>	Fiodor Dostoiévski	1866
<i>A Educação Sentimental</i>	Gustave Flaubert	1869
<i>Guerra e Paz</i>	Leon Tolstói	1869
<i>As Aventuras de Tom Sawyer</i>	Mark Twain	1876
<i>Anna Karenina</i>	Leon Tolstói	1877
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Machado de Assis	1881
<i>Os Irmãos Karamazov</i>	Fiodor Dostoiévski	1881
<i>Germinal</i>	Émile Zola	1885

## Indústrias e corporações fundadas

<b>EMPRESA</b>	<b>Fundador (ES)</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>
Siemens AG	Ernst Wener von Siemens	Alemanha	1847
Pfizer Inc.	Charles Pfizer	EUA	1849
Bayer AG	Friedrich Bayer e Johann F. Weskott	Alemanha	1863
Nestlé S.A.	Henri Nestlé	Suíça	1866
Standard Oil Company	John D. Rockefeller, William Rockefeller, Henri Flager, Samuel Andrews e Stephen Harkness	EUA	1870
T. L. M. Ericsson	Lars Magnus Ericsson	Suécia	1876
General Electric Company	Thomas Alva Edison	EUA	1878-79
Johnson & Johnson	Os irmãos Robert Wood Johnson I, James Wood Johnson e Edward Mead Johnson	EUA	1885-86
Alcoa, Inc.	Charles Martin Hall	EUA	1888
IBM Company	Herman Hollerith	EUA	1889
Coca-Cola Company	Asa Griggs Candler	EUA	1892

## II

# Ecce Philosophus! As Leituras de Formação Filosófica

Quem, a não ser Friedrich Wilhelm Nietzsche, organizaria um livro à guisa de memórias em tópicos como "Por que sou tão sábio", "Por que sou tão inteligente" e "Por que escrevo livros tão bons", pela ordem os capítulos 1, II e III de Ecce Homo? Quem, a não ser ele, descalçaria as sandálias da humildade sem escorregar na casca de banana da soberba?

Ultimamente, as monografias acadêmicas escritas individualmente têm sido redigidas e apresentadas na primeira pessoa do plural. É um tal de "consideramos" para cá, "concluímos" para lá... Quem inventou essa regra velada? A socialização do mérito seria uma homenagem ao trabalho do orientador? Ao apoio da família? Aos carinhos da amada? Ou vício de linguagem?

Imagine, você, Nietzsche adotando o expediente de "coletivizar" a redação final de suas reflexões, para em seguida receber orgulhoso os títulos de mestre e doutor, sem se esquecer dos protocolares

beija-mãos e rapapés aos magnânimos membros da banca.  
Estranho, não é?

A aparente autoconfiança de Nietzsche não costuma irritar tanto os leitores... De hoje! Caso tivesse publicado *Ecce Homo* em vida (o livro foi editado oito anos depois de sua morte, não custa reforçar), o filósofo alemão seria inevitavelmente retalhado - e retaliado - pela afiada navalha da crítica. Enquanto Nietzsche soube percorrer limpinho, bonitinho e engomadinho os caminhos acadêmicos tradicionais, ele esteve na crista da onda dos prodígios e virtuosos: Pforta, Bonn, Leipzig e a cátedra na Universidade da Basileia. Mas a sua autonomia de pensamento, sujeita a acertos e erros monumentais, cobrou-lhe o quinhão. A pouco comentada estreia autoral - um estudo sobre o ethos da tragédia grega - batia de frente com os pressupostos da dialética socrática e do platonismo, até ali "intocáveis" para filósofos/autores iniciantes.

O conjunto da obra nietzschiana não recebeu dos contemporâneos o tratamento de gala a ele dispensado pelas gerações de filósofos, pesquisadores, literatos, políticos e intelectuais que o sucederam. Portanto, salvo um acontecimento extraordinário, *Ecce Homo* teria passado pelas mesmas branquíssimas nuvens de *A Caia Ciência e O Nascimento da Tragédia* - este um livro de repercussão restrita aos grupos "wagnerianos". Tudo porque Nietzsche conseguiu juntar as pontas e os cacos do isolamento acadêmico (a incompreensão, quando não o desprezo, dos colegas) e da reclusão imposta pelos valores pessoais, as dores, os vícios e as circunstâncias (doenças, individualismo e ressentimentos). Dessa maneira, somente o resgate histórico e as arti manhas do destino puderam transformar o

manifesto sensível, cálido e ególatra no fio condutor para explicar uma vida e obra devidamente reavaliada e redimensionada.

Toda autobiografia é egocêntrica e pretensiosa; a diferença é que Nietzsche não dourava a pílula e deixava isso bem claro.

Ecce Homo foi escrito quando começavam a despontar ensaios, resenhas, comentários e cartas especialmente sobre Para Além do Bem e do Mal e A Genealogia da Moral. A maioria dos textos e apontamentos demonstrava estranheza e perplexidade; outros tantos se empolgavam com o estilo literário envolvente e a determinação de Nietzsche para a guerrilha intelectual. Quem lê a pequena-grandiosa autobiografia percebe de imediato um homem/autor saindo da caverna e despindo-se para a posteridade. Numa observação psicológica, percebe-se que até aquilo que Nietzsche nos renega de si ele revela nas entrelinhas<sup>2</sup>. A memória seletiva, a defesa enfurecida de teses e as frases firmes e assertivas desnudam o rei sem diminuí-lo. Acredite leitor: é tarefa impossível preparar um Dossiê Nietzsche sem recorrer a passagens de Ecce Homo, principalmente na hora de abordar as suas influências literárias e filosóficas.

Por "influências" e "leituras de formação" refiro-me aos objetos de estudo e apreciação na pauta de Nietzsche. Elogios e negações a sistemas filosóficos e linhas argumentativas são sempre antecidos por exaustivas e sistemáticas releituras. As doutrinas religiosas, Sócrates, Platão, o movimento romântico, Arthur Schopenhauer, Richard Wagner e Immanuel Kant serviram de parâmetro para as suas conclusões. Afinal, não existiria O anticristo sem a presença marcante do cristianismo, certo? O duelista não carecia de desafiantes. Nietzsche tinha por hábito admirar e investigar teorias e



manifestações estéticas até detectar incoerências suficientes para renegá-las.

Rebaixar o oponente sem conhecê-lo em minúcias emburrece o debate. O cúmulo da pseudossociologia, por exemplo, escuda-se nas famigeradas "panelas" e "igrejinhas" ideológicas. Os esquerдинhas do baixo clero chamam Max Weber de "sociólogo da burguesia" e nem se preocupam em folhear Economia e Sociedade (1914). Acatam sem pestanejar a definição de um intransigente professor marxista-leninista da faculdade. E os livros de Karl Marx, pasteurizados por hordas de marxistas bárbaros, são pisoteados por liberais, "pragmáticos" e conservadores abobalhados, felizes e satisfeitos pelo colapso da União Soviética e o conseqüente "fracasso do socialismo real" (mal percebem as cegas e deletérias trincheiras que Marx e Weber fizeram jus ao pensamento sociológico e cometeram as duas mais extraordinárias interpretações do modos operandi da sociedade moderna e industrializada).

Em que pese a agressividade, Nietzsche não despejava munição pesada sem compreender detalhadamente o alvo. Ele podia vacilar na análise, misturar alhos com bugalhos, pecar pela hipérbole, mas jamais agia por preguiça e negligência.

Este segundo capítulo do Dossiê será o esteio para o seguinte, centrado na bibliografia e nos principais conceitos formulados por Nietzsche. A intenção das próximas páginas não é a de esgotar um assunto tão multifacetado, mas funcionar como guia de introdução à "biblioteca" do filósofo. Perceba que o leitor Nietzsche não pegava o atalho das imposturas barganhadas por atravessadores e mercadores de ideias: ele ia direto nas jazidas de "diamantes" do conhecimento.

## LEITURAS DA RELIGIÃO - CRISTIANISMO E BUDISMO

Assim falou Zaratustra, A Gaia Ciência, A Genalogia da Moral, Ecce Homo e O Anticristo: Ensaio de uma Crítica ao Cristianismo. Essa volumosa braçada de livros golpeia, com ênfases e enfoques variados, a moral e as instituições cristãs e, por extensão, as tradições religiosas em geral. O cristianismo levou os maiores tiros de Nietzsche, que moderou e amaciou as palavras com o budismo e o islamismo, sem poupá-los indiretamente dos disparos. Segundo o filósofo, não bastaria simplesmente pôr abaixo as doutrinas e os rituais religiosos: as éticas civilizacionais fundadas nessas crenças precisariam ser implodidas e riscadas do horizonte mental das pessoas. Essa posição nietzschiana será radicalizada livro após livro.

Sua obra é considerada um dos eixos argumentativos do ateísmo, ao lado do darwinismo e, para algumas correntes, da psicanálise freudiana. O anticristo continua a ser uma tremenda paulada no cristianismo e divide a condição de biblioteca básica de céticos, agnósticos e ateus com A Origem das Espécies (1859), de Charles Darwin, e best-sellers recentes do cientista Richard Dawkins (Deus, um Delírio, 2006); do jornalista e escritor polemista Christopher Hitchens (Deus não é Grande, 2007); e dos filósofos Sam Harris (Carta a uma Nação Cristã, 2006) e Michael Onfray (Tratado de Ateologia, 2005). Nietzsche é autor da máxima "Deus está morto." Escreve-a primeiramente em A Gaia Ciência e volta a mencioná-la no miolo de Assim falou Zaratustra. Nietzsche não seria e nem será o único a declará-lo morto.

Perpetuado em seus livros e ensaios, o ateísmo "por instinto" de Nietzsche não está exatamente amparado pela teoria da seleção natural e do evolucionismo, presentes em Darwin e na [ciência moderna. Nietzsche cultivava lá suas restrições ao racionalismo científico. Ora, o que lhe causava espanto era a imposição da renúncia ao corpo, ao secularismo](#)<sup>3</sup> e à dimensão trágica - ou seja, a renúncia ao tripé da autêntica condição humana. Seus textos são defesas apaixonadas e intransigentes do homem, por quem clamava pela libertação das castrações "purificadoras". Preso a tolas promessas de devir e redenção, o encurralado rebanho cristão estaria, segundo o raciocínio de Nietzsche, impedido de realizar-se na plenitude das experiências terrenas.

Nietzsche conhecia de perto o cristianismo. Nesse sentido, os dados biográficos são inquestionáveis. Vindo de uma família de luteranos praticantes, recebeu a formação educacional e teológica necessária para prosseguir na jornada de pastor. Estudou para valer os evangelhos, revirou-os, escarafunchou aspectos linguísticos, literários, normativos e estruturais. Preocupou-se com a forma e o conteúdo da Bíblia. A obra nietzschiana situa-se em oposição frontal ao cristianismo. E quando algo existe em contraste ao outro, é porque a relevância deste outro é vital.

O bombardeio de Nietzsche ao cristianismo era, por assim dizer, de foro existencial. Um comovente acerto de contas com o passado. E ele não economizava nos impropérios. Basta percorrer aleatoriamente os olhos numa página escrita por ele. O cristianismo seria "uma desgraça" e Deus, "resposta rude". Já durante as tempestades de loucura, à beira da morte, autodenominou-se "crucificado".

O último cristão morrerá na cruz, vaticinava.

Nietzsche não se limitou à batalha conceitual. Um anexo às futuras edições de *O Anticristo* (na verdade, um manuscrito avulso encontrado pelo pesquisador Erich Podach) continha o esboço da imaginosa "Lei contra o cristianismo", essa "antinatureza" de entorpecer os espíritos.

Repare na dramaticidade do conteúdo.

### **Lei contra o cristianismo (*In: O anticristo*)**

Datada do dia da Salvação: primeiro dia do ano Um (em 30 de setembro de 1888, pelo falso calendário).

Guerra de Morte contra o Vício: o Vício é o Cristianismo

Artigo Primeiro - Qualquer espécie de antinatureza é vício. O tipo de homem mais vicioso é o padre: ele ensina a antinatureza. Contra o padre não há razões: há cadeia. Artigo Segundo - Qualquer tipo de colaboração a um ofício divino é um atentado contra a moral pública. Seremos mais ríspidos com protestantes que com católicos, e mais ríspidos com os protestantes liberais que com os ortodoxos. Quanto mais próximo se está da ciência, maior o crime de ser cristão. Consequentemente, o maior dos criminosos é filósofo.

Artigo Terceiro - O local amaldiçoado onde o cristianismo chocou seus ovos de basilisco deve ser demolido e transformado no lugar mais infame da Terra, constituirá motivo

de pavor para a posteridade. Lá devem ser criadas cobras venenosas.

Artigo Quarto - Pregar a castidade é uma incitação pública à antinatureza. Qualquer desprezo à vida sexual, qualquer tentativa de maculá-la através do conceito de "impureza" é o maior pecado contra o Espírito Santo da Vida.

Artigo Quinto - Comer na mesma mesa que um padre é proibido: quem o fizer será excomungado da sociedade honesta. O padre é o nosso chandala - ele será proscrito, lhe deixaremos morrer de fome, jogá-lo-emos em qualquer espécie de deserto.

Artigo Sexto - A história "sagrada" será chamada pelo nome que merece: história maldita; as palavras "Deus", "salvador", "redentor", "santo" serão usadas como insultos, como alcunhas para criminosos.

Artigo Sétimo - O resto nasce a partir daqui.

[Vestígios de condescendência com o luteranismo? Nenhum. Chamadas de protestantes, as denominações cristãs não-católicas \(luteranos, calvinistas etc.\) teriam, em tese, arrancado o monopólio da fé das garras elitistas e autoritárias da Curia Romana da Santa Sé4.](#) O centralismo repressor e corrompido do papado foi abalado pela Reforma Protestante. Depois...

[Para Nietzsche, Martin Luther e a "segunda geração" liderada por Jean Calvin5](#) não foram além de uma revolução de araque: o protestantismo reavivara, em vestes modernas e "populares", os

velhos fantasmas da ética cristã propagada pela Igreja Católica. Parafraseando Marx, toda a história do cristianismo seria a história da decadência. E dessa não há quem escape.

\*\*\*

Religião de matriz oriental, o budismo figura, sim, no rol nietzschiano de "religiões da decadência". Fundado na Índia há mais de 2.500 anos pelo príncipe Shakyamuni (Siddharta Gautama), sagrado após a morte de Buda Shakyamuni, o budismo é uma filosofia religiosa largamente difundida na Ásia Meridional e Oriental, que prega os valores da sabedoria, do equilíbrio, e da compaixão. O budismo possui três grandes escolas - Hinayana, Mahayana e Vajrayana - que deram origem às diversas tradições budistas conhecidas, como o budismo tibetano<sup>6</sup> e as variantes comumente praticadas no Japão (Terra Pura, Zen-Budismo, Nichiren e Shingon). Os fundamentos da doutrina e da Lei do Karma<sup>7</sup> nasceram das reflexões do homem Siddharta Gautama à procura de respostas para o sofrimento, a vida e a morte, a não-permanência, o autoconhecimento, enfim.

Contudo, apesar da rispidez, Nietzsche ponderava ao colocar o budismo num estágio de realismo superior ao cristianismo, na medida em que os seguidores dos ensinamentos de Buda procuram harmonizar sua moral e práticas à natureza. Eles não parecem embriagados pelo platonismo. Os valores budistas teriam, portanto, maior apego à vida realmente vivida.

**Nietzsche e o Islamismo**

Extraído de O Anticristo, o trecho a seguir sobre o Islamismo seria de elogio a ponto de pôr em xeque o ideal nietzschiano de civilização fundada no ateísmo?

"O cristianismo nos fez perder todos os frutos da civilização antiga, e mais tarde nos fez perder os frutos da civilização islâmica. A maravilhosa cultura dos mouros na Espanha, que era fundamentalmente mais próxima aos nossos sentidos e gostos que Roma e Grécia, foi pisoteada (não digo por que tipo de pés -). Por quê? Porque devia sua origem aos instintos nobres e viris - porque dizia sim à vida, e a com a rara e refinada luxuosidade da vida mourisca!... Mais tarde os cruzados combateram algo ante o qual seria mais apropriado que rastejassem - uma civilização que faria mesmo o nosso século XIX parecer muito pobre e atrasado". - O que queriam, obviamente, era saquear: o Oriente era rico... Coloquemos à parte os preconceitos! As Cruzadas: pirataria em grande escala, nada mais!" (In: O Anticristo, Tradução: André Dispore Cancian)

Franco-atiradores às vezes alvejam o próprio pé.

## A TRADIÇÃO FILOSÓFICA E CULTURAL HELÊNICA

Dá-se o nome de Helenismo ao arcabouço de ideias, artes, cultura e modos de vida relativos à Grécia Antiga/Clássica. Nietzsche foi um grande estudioso da filosofia, das artes e da civilização grega, com um especial apreço pelos pré-socráticos. Leitor de Ésquilo, Protágoras, Homero e Sófocles, seus primeiros escritos vão à gênese da tragédia grega: O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música e A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos.

O enorme interesse de Nietzsche pela cultura helênica iniciou-se de forma autodidata e se aperfeiçoou nas estadias em Pforta e Leipzig. O Nascimento da Tragédia... é um elogio ao homem trágico, reservatório do logos apolíneo (o pensamento, a lógica, a forma) e do pathos dionisíaco (o hedonismo, a música, a festa), representados pelos deuses homônimos<sup>8</sup>.

A tragédia grega, o ditirambo (o coro trágico grego), ressaltaria assim o equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco, características intrínsecas ao homem. O homem trágico era o modelo de Nietzsche em sua perseguição ao amor fati e a transvaloração de todos os valores. Ao confrontar o salutar relativismo dos sofistas, a dialética de Sócrates teria assassinado o homem trágico e substituído-o por uma concepção antropológica e filosófica da qual teria resultado, lá na frente, o cristianismo. Difusor do pensamento filosófico à juventude ateniense, eternizado pelo discípulo Platão na Apologia de Sócrates, os discursos de Sócrates registrados por Platão propiciaram, ao separar Apolo e Dionísio, a alvorada do processo civilizador.

A noção de "processo civilizador" não chega a ser explicitamente citada por Nietzsche; o termo nomeia o par de livros de um conterrâneo, o sociólogo e historiador Norbert Elias. Em O Processo Civilizadorle II, Elias articulou os conceitos de Schamgrenze ("fronteira da vergonha") e Peinlichkeitschwelle ("fronteira da repugnância") para reconstituir a história social do autocontrole na civilização ocidental. Elias corroborava Freud. Escreve o historiador britânico Peter Burke no livro O que é história cultural?:

"(...) Norbert Elias, um seguidor de [Max] Weber em certos aspectos, escreveu um estudo, O processo civilizador (1939),



que é essencialmente uma história cultural. Ele também utilizou *Mal-estar na civilização* (1930), de Freud, que argumenta que a cultura exige sacrifícios do indivíduo na esfera do sexo e da agressividade."<sup>9</sup>

Nietzsche, com efeito, foi um crítico severo do platonismo, descendente da filosofia socrática. Reconhecia a grandeza de Platão, mas enxergava no platonismo a apologia do espírito puro e essencialista. O bem-em-si seria um estado absolutamente inumano porque apolíneo demais e dionisíaco de menos. Para Nietzsche, a atitude filosófica encampada por Sócrates, Platão e seguidores desviava-se da cultura trágica helênica. Justo eles, dois dos integrantes do trio Sócrates-Platão-Aristóteles, o bê-á-bá da filosofia grega e ocidental ensinado nas escolas<sup>10</sup>

## UMA PAIXÃO JUVENIL: A ESTÉTICA DO ROMANTISMO

O Romantismo foi um movimento estético, intelectual, político e filosófico surgido na Europa do século XVIII e esteve muito em voga durante o século XIX. Críticos da modernidade e do racionalismo, os românticos privilegiavam o olhar carregado de subjetividade, um "eu lírico" escapista, fatalista e desconfortável com o estado de coisas. Esse culto à introspecção dividia espaço com estímulos idealistas e nacionalistas. Não por coincidência, o romantismo floresceu entre os germânicos letrados às vésperas da unificação alemã. Escritores e folcloristas escavavam e garimpavam à procura das "raízes da nação". A literatura e as artes refletiam esse estado de espírito, o Zeitgeist ("Espírito da Época") que precedeu à constituição dos estados nacionais.

A literatura dos alemães Schiller e Goethe e do poeta britânico Lord Byron, ícones do romantismo, acertou em cheio o peito jovial de Nietzsche. Era a expressão artística do momento. A estética romântica e do neoclassicismo contribuiu para o filósofo distanciar-se de vez do cristianismo. O compositor Richard Wagner se inscrevia na tradição romântica. Para Nietzsche, as óperas wagnerianas seriam o resgate do homem trágico retratado na boa e velha tragédia grega. Assim como a paixão pela arte operística de Wagner, a simpatia de Nietzsche pelo romantismo terminou em rompimento estético e ideológico.

## O "PESSIMISMO" FILOSÓFICO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche são personagens centrais de dois best-sellers do escritor e psiquiatra Irvin [David Yalom, A Cura de Schopenhauer \(2005\) e Quando Nietzsche chorou \(1992, lançado no Brasil em 2004\)](#). [A opção de Yalom por tematizá-los é repleta de intenções. Estetas, a obra de ambos os filósofos remete ao culto ao gênio característico do romantismo e, principalmente, lidam com aquele turbilhão de sentimentos inevitáveis à condição humana. Schopenhauer morreu em 1860, quando Nietzsche era um rapazola de 16 anos e, apesar de não terem apertado as mãos, Nietzsche estabeleceu uma interlocução profícua com os conceitos deixados pelo autor de O Mundo como Vontade e Representação \(1819\). Schopenhauer influenciou sobremaneira o pensamento nietzschiano](#)".

Reconhecido pelo epíteto "filósofo do pessimismo", o filho de comerciantes Arthur Schopenhauer nasceu no inverno de 1788, na cidade de Danzig, situada no atual território polonês de Gdansk.

Escritor talentoso como Nietzsche, Schopenhauer era um leitor ávido de Immanuel Kant e alimentava uma rixa intelectual e pessoal com o grande filósofo germânico de seu tempo, Hegel, a quem considerava medíocre na forma e equivocado no conteúdo. A propósito, Nietzsche compartilhará dessa aversão ao "modelo de história hegeliana", como pode ser visto no próximo box explicativo.

## **Hegel e a filosofia da História**

O exame da História, em Hegel, designa-se "filosofia da História", ou seja, os eventos e as teorias da História caminham na direção de um modelo-ideal. Cabe ao filósofo compreender qual seria esse "propósito maior" que, para Hegel, seria o Estado governado pela Razão. Karl Marx pegou carona no modelo hegeliano e propôs a sua concepção de "filosofia da História", realizável na superação da "luta de classes" e na abolição do Estado pelo comunismo. Nietzsche não deve ter apreciado o aroma de cristianismo da proposta.

Após a queda do Muro de Berlim, em 1989, o cientista político Francis Fukuyama publicou um polêmico artigo ("O fim da História?"), depois ampliado no livro *O Fim da História e o último Homem* (Rocco, 1992) em que desde a epígrafe cita deliberadamente Hegel e decreta a combinação liberalismo econômico e democracia moderna, a democracia liberal, como a forma pinacular de organização social, econômica e política. A contrapelo de Fukuyama, o historiador marxista Perry Anderson lançou *O fim da História: de Hegel a Fukuyama* (Jorge Zahar, 1992).

Voltemos a Nietzsche e Schopenhauer. O que se denomina por "pessimismo" em Schopenhauer é, por assim dizer, a indiferença do

destino quanto às dores e dissabores da nossa trajetória pessoal. O desencantado lema "viver é sofrer", então, parece vir bem a calhar. Quem aprovou O Mundo como Vontade e Representação foi Wagner, um avalista e tanto. Daí, Nietzsche conheceu duplamente o pensamento schopenhaueriano: por si e por intermédio de Wagner.

A chave principal de aproximação-refutação entre Nietzsche e Schopenhauer está no conceito de vontade. Em Schopenhauer, a vontade é a representação da existência, com os homens pêndulos entre a escassez e o fastio, atados ao sofrimento e nunca satisfeitos. A vontade, portanto, permanece externa ao sujeito. É uma "vontade culpada". A arte funciona aos homens como calmante às dores da existência. Válvula de escape. Nietzsche, por sua vez, entende o homem em sua "vontade de poder/potência", de modo que a vontade é uma transcendência a ser realizada em terra firme, no dia após dia.

As distinções podem ser explicadas no papel atribuído ao "gênio artístico". Se o mundo é vontade para Schopenhauer e Nietzsche, para o primeiro o artista excede à representação, enquanto para o segundo ele está mais do que nunca em convergência com o real. A "vontade culpada" de Schopenhauer transmuta-se em Nietzsche numa "vontade alegre", a força transformadora. De qualquer maneira, a relação filosófica Schopenhauer-Nietzsche firma-se num produtivo diálogo de aproximação - a noção central de vontade - e distanciamento - o conteúdo dessa vontade, se sofrimento ou afirmação da vida.

**Qual a importância de Marx na obra de Nietzsche?**

Francamente, quase nula. Embora os dois detectassem na religião um bloqueio para o desenvolvimento do homem e da humanidade, o legado filosófico de Friedrich Nietzsche e a teoria do também alemão Karl Marx não apresentam aproximações visíveis.

A opinião díspar de Nietzsche e Marx sobre um célebre acontecimento da época - a brevíssima Comuna de Paris de 1871 - resume as diferenças. Para Nietzsche, a Comuna significou uma neobarbárie, enquanto Marx a saudava como uma eloquente manifestação de resistência proletária e popular. Baluarte da distinção e do individualismo, Nietzsche não poderia mesmo aceitar a igualdade proposta pelas teses socialistas e comunistas.

Há estudiosos, porém, que percebem similaridades entre eles, sobretudo pelo fato de serem materialistas e propositores da transformação. Mas o consenso encerra-se aí.

## **NIETZSCHE E A METAFÍSICA KANTIANA**

Immanuel Kant fazia às vezes de antípoda intelectual de Friedrich Nietzsche. A birra de Nietzsche com o filósofo de Königsberg, morto em 1804, tinha algo de burlesco: ele apelidara Kant de "o grande chinês de Königsberg" e dizia que ele não largava a sua crença luterana, apesar das teses filosóficas sobre a metafísica e a experiência. Mas a estatura do pensamento kantiano não foi rejeitada por Nietzsche, que o considerava um sábio magistral.

Nietzsche saúda o Immanuel Kant "relativista", cujo empenho resultou na minimização de uma metafísica das crenças religiosas, mas logo enfatiza suas muitas discordâncias, a começar pela

"subserviência" do professor Kant ao Estado, incompatível com a necessária condição de filósofo. Acreditava, ainda, que a filosofia kantiana, "antimusicista" e "cristã", regressava aos dogmas da verdade por confiar num "imperativo moral" racional e universalista. Nietzsche censurava as categorias kantianas de razão, verdade e representação.

## O FASCÍNIO PELA LITERATURA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Ao tomar ciência da literatura do romancista russo Fiódor Dostoiévski, Nietzsche ficou completamente extasiado. Passou-o imediatamente ao seu elenco de gênios e referências-chave. Na ficção de Dostoiévski era o ceticismo, o niilismo, o homem sem deus, que prendia a atenção de Nietzsche, fascinado pelos cenários e personagens das obras-primas Crime e Castigo (1867) e Os Irmãos Karamazov (1879). Havia sintonia ali. Dostoiévski escreveu "se Deus não existe, tudo é permitido". O "se" dostoiévskiano tem um efeito condicional. Já Nietzsche chuta a sutileza para escanteio: "Deus está morto." Dostoiévski trazia, no entanto, as marcas de uma existência angustiada, atormentado pelas questões do Bem e do Mal, do pecado e da redenção, de modo que Nietzsche fundamentalmente interpretará a construção literária na prosa do escritor russo. Nas notas deixadas em rascunhos durante a internação de 1886-1887, Nietzsche chama Dostoiévski de "único psicólogo com quem tenho algo a aprender" e o menciona como responsável pela sua descoberta de Stendhal. O niilismo, exposto no Capítulo 4 deste dossiê, parece ser outro elo.

LEITURAS DO CONTEXTO HISTÓRICO - O NACIONALISMO  
ALEMÃO

A Alemanha estava a pleno vapor em seu projeto de unidade nacional, num ideário de "comunidade imaginada". A tal "tradição comum" dos povos germânicos necessitava ser esquadrihada geográfica e politicamente. A ideia de Nação (do latim natio, nascido), estimulada pelo sentimento de nacionalismo e pertencimento, é um poderoso elemento integrador de povos que se sentem ligados por fatores étnicos, culturais e linguísticos, que estabelecem um vínculo de "consciência nacional", unidade expressa no plano territorial como Estado-Nação. Contudo, o uso político desses "elementos integradores da nação" tende a ser manipulado arbitrariamente.

Malgrado ser constantemente associado a expressões exacerbadas de nacionalismo - nazismo, fascismo e quejandos -, Nietzsche, distanciado dos românticos, era um antinacionalista enfasiado pelo destempero com os rumos da Alemanha, a "destruidora da cultura". Seu horror ao nacionalismo alemão farejava o ressuscitamento de formas pioradas de platonismo. Essas mudanças geopolíticas ajudaram a vitalizar suas posições de enfant terrible.

## **Saiba mais sobre nação e nacionalismo**

- Nações e Nacionalismo, Ernest Gellner (Gradiva, 1997).
- Nações e Nacionalismo desde 1870, Eric J. Hobsbawm (Paz e Terra, 2008).
- Um mapa da Questão Nacional, org. Gopal Balakrishnan (Contraponto, 2000).

- A Crise do Estado-Nação, org. Adauto Novaes (Civilização Brasileira, 2003).
- A Invenção das Tradições, Eric J. Hobsbawm e Terence Ranger (Paz e Terra, 1997).
- Nacionalismo no Novo Mundo, Marco Antonio Villela Pamplona (Record, 2008).



# III

## A Arte de Escrever "Livros tão Bons": Nietzsche, Obra a Obra

O título deste capítulo alude à declarada convicção de Friedrich Nietzsche quanto à força e perenidade dos seus escritos. Há quem discorde do teor de suas ideias e torça o nariz para a sua verve derramada e virulenta. Muitos exageram ao considerá-lo um falseador da filosofia, cujo texto não passaria de um amontoado de frases programadas para impactar, rabiscadas por uma mente atormentada pelo ostracismo e dopada por um coquetel de psicotrópicos para debelar os sintomas da loucura. No entanto, a menção que faço ao subtítulo "Por que escrevo livros tão bons", de Ecce Homo, não leva de jeito algum a "pena da galhofa", como narraria o Brás Cubas, criação de um certo Joaquim Maria Machado de Assis'.

Em primeiro lugar, devemos ter em vista o fato consumado de que nenhuma obra dita menor e irrelevante sobrevive a mais de um século na prateleira dos bem vendidos, recebe incontáveis edições,

reimpressões, re-edições e traduções, e continua exaustivamente estudada nos centros universitários, por grupos políticos e movimentos artísticos e socioculturais. Percebem-se claramente os rastros nietzschianos na política, na filosofia, nas ciências sociais, na psicanálise, nas artes, especialmente a literária, e nas terapias motivacionais e comportamentais.

Friedrich Wilhelm Nietzsche cometeu, pois, uma obra em que a sinuosidade das pulsões e emoções convive em harmonia com um pensamento sistêmico e vigoroso. Seus primeiros livros obedecem ao figurino convencional da monografia e migram em direção ao seu afamado estilo aforismático, metafórico, poético e combativo. Meios expressivos à parte, suas ideias e conceitos nucleares convergem para a mesma finalidade: a de erigir uma filosofia sobre a genealogia da moral a um só tempo crítica e propositora, destrutiva e construtiva.

[Nietzsche ocupou-se primordialmente em desconstruir os valores morais, no atacado, e a moral cristã, no varejo. Genealogia da Moral, uma Polêmica, sem dúvida, é o livro-chave para esse entendimento, mas a questão da moral percorre cada linha e cada parágrafo do que escreveu. Nietzsche expunha o caráter ilusório e frágil da moral negadora do corpo, do prazer e da vida - o ideal ascético2](#) - e propugnava uma superação radical desse estágio.

A seguir, você encontrará um balanço sobre a bibliografia de Friedrich Nietzsche. Como se sabe, nem todas as publicações puderam ser supervisionadas e pessoalmente autorizadas pelo autor. Quem cumpriu essa responsabilidade foi sua irmã Elizabeth, gestora de seu espólio e dos Arquivos Nietzsche. No total são livros

de "carreira", coletâneas e até uma estranhíssima obra apócrifa, que divide opiniões quanto à autenticidade de autoria: Minha Irmã e Eu.

E atenção para a qualidade das traduções, leitor! Eventualmente, versões livres para títulos, subtítulos e ideias podem ser facultativas, brandas ou meramente decorativas, noutras incorrem numa adulteração gravíssima de sentido. Independente da tradução que você tenha lido ou tomado contato, procure se informar, estudar, buscar fontes respeitáveis.

## **Os escritos de juventude**

Completam a bibliografia de Friedrich Nietzsche os seguintes escritos de juventude:

- Fatum e História (Fatum und Geschichte, 1862).
- A Liberdade da Vontade e Fatum (Freiheit des Willens und Fatum, 1868).
- Homero e a Filosofia Clássica (Homer und die klassische Philologie. Ein Vortrag, 1869).
- O Drama Musical Grego (Das griechische Musikdrama, 1870).
- Sócrates e a Tragédia (Socrates und die Tragödie, 1870).
- A Visão Dionisíaca do Mundo (Die dionysische Weltanschauung, 1870).

- O Estado Grego (Der griechische Staat, 1871) .

FRIEDRICH NIETZSCHE: COMENTÁRIOS OBRA A OBRA

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA NO ESPÍRITO DA MÚSICA

Título Original: Die Geburt der Tragödie aus dem Geist der Musik

Ano de Produção: 1872; Ano de Re-edição: 1886

Quando Friedrich Wilhelm Nietzsche lançou a edição inaugural do livro O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música, ele trabalhava como professor universitário na Basileia e estava formalmente vinculado às hostes do conhecimento institucionalizado. O alcance da obra, todavia, já extrapolava o campo da filologia e invadia a filosofia, a história, a música e as artes. O Nascimento da Tragédia anuncia, assim, os fundamentos de uma teoria estética nietzschiana.

De acordo com a argumentação de Nietzsche, o fenômeno estético da tragédia grega seria a instância em que a existência humana exprimiria-se no seu esplendor, já que nela o apolíneo (ordem, forma) e o dionisíaco (prazer, festa), impulsos indissociáveis e necessários, encontrariam-se serenamente, sem os assombros da culpa cristã. Para o filósofo de Röcken, a ópera de um Richard Wagner reabilitava o ideal da idade trágica dos gregos, porque sua música transcenderia à simples diversão burguesa e ao ranço do platonismo e do cristianismo - sua posição sobre Wagner será reformulada...

Com efeito, O nascimento da tragédia parte da música, do ditirambo (o coro trágico das artes teatrais helênicas), para examinar a civilização, numa crítica duríssima à tradição moral, estética e civilizacional que se prenuncia em Sócrates e ferti liza o solo da pregação dualística, essencialista, semeadora do valor do bem moral na tradição judaico-cristã do Ocidente, que prende e tortura Dionísio e faz de um Apolo espiritualizado o modelo do pleno bem-viver, quebrando o equilíbrio vital entre eles.

O Nascimento da Tragédia não é uma ode ao hedonismo, como nos contos de Marques de Sade (Justine, 120 dias de Sodoma) e François Rabelais (Pantagruel e Gargantua). Nietzsche explora o apolíneo e o dionisíaco como categorias integradas, complementares. O destaque a Dionísio se deve à defesa contra a marginalidade a qual fora atirado o mito/impulso pela moral.

A recepção de O Nascimento da Tragédia variou entre o silêncio às críticas de que o livro era não-científico, grosseiro, subjetivo e fora dos padrões. Então amigos de Nietzsche, Erwin Rohde e Richard Wagner socorrem-no das varejadas impiedosas. Apesar de monográfico e estruturado, a obra mexia no vespeiro e colidia com as ortodoxias da filologia e dos normatismos científicos. O distanciamento de Nietzsche da academia suíça, alemã e europeia se acelerava.

O Nascimento da Tragédia foi re-editado em 1886, acrescido do prefácio "Ensaio de Autocrítica" e um novíssimo nome na capa: O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo (Die Geburt der Tragödie, Oder: Griechentum und Pessimismus).

## A FILOSOFIA NA IDADE TRÁGICA DOS GREGOS

Título Original: Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen

Ano de Produção: 1872-73

Conciso e pouquíssimo lembrado, A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos é uma das obras reveladoras dos gostos e afinidades eletivas de Nietzsche. O filósofo de Röcken reconstituiu os filósofos, as ideias e os sistemas filosóficos do mundo grego, dos pré-socráticos a Aristóteles, num manuscrito histórico produzido quase em paralelo a O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música. Os dois trabalhos, escritos antes que ele chegasse aos 30 anos, explicitam a sua paixão pela "Idade Trágica" do helenismo, em oposição à decadência civilizacional que presenciava.

## SOBRE A VERDADE E A MENTIRA EM SENTIDO EXTRAMORAL

Título Original: Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinn

Ano de Produção: 1873

Da lavra dos "publicados postumamente", o ensaio de assumido veio filosófico questiona os critérios de verdade e mentira - e àqueles que se arrogam portadores ou perscrutadores delas - e precipita uma série de ideias que serão maturadas em futuros livros e artigos de Nietzsche. Transcrito por um amigo do colégio de Pforta, Carl von Gersdorff, Sobre a Verdade e a Mentira em Sentido Extramoral é um desdobramento do texto introdutório "Sobre o pathos da verdade" e insinua o seu distanciamento teórico, estético

e intelectual da arte e pensamento de Wagner e Schopenhauer. Influência determinante de Crítica da Razão Pura, de Immanuel Kant.

## CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS (CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS)

Título Original: Unzeitgemässe Betrachtungen

Ano de Publicação: 1873-1876

As suas "Intempestivas", coletânea de quatro ensaios "anti-históricos" e "antimodernos" publicados por Friedrich Nietzsche contêm:

Consideração 1 - David Strauss, o confessor e o escritor

Título Original: David Strauss, der Bekenner und der Schriftsteller

Ano de Publicação: 1873

O teólogo alemão David Strauss quis renovar a ética cristã ao propor uma "nova fé" baseada nos predicados do racionalismo e das descobertas científicas, bem ao gosto de Hegel. Strauss, autor de A Vida de Jesus (1835), discordava da imagem do Jesus Cristo mitológico, fruto da mentalidade judaico-cristã e insustentável diante dos avanços da ciência moderna.

No ensaio "intempestivo", Nietzsche reprova a iniciativa do "confessor e escritor" Strauss porque a vida nunca deve ser subordinada ao conhecimento, e sim o contrário. Nietzsche não

entra no mérito da imagem forjada de Cristo; ele vai ao lapso conceitual do teólogo hegeliano.

Consideração 2 - Dos usos e desvantagens da História para a vida

Título Original: Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben

Ano de Publicação: 1874

Memória e esquecimento. Esse texto é uma verdadeira crítica cultural de Nietzsche em que ele esquadrinha a maneira como a história era produzida à época, recorrendo à noção de "sentido histórico" caros a Hegel, Marx etc. Se a primeira consideração relativizava o saber científico e racional, descartando o seu caráter primário, neste ele nos mostra em que medida os usos da história e o cultivo da ciência podem "corroer e envenenar" o presente e a cultura em ebulição.

Consideração 3 - Schopenhauer como educador

Título Original: Schopenhauer als Erzieher

Ano de Publicação: 1874

Na terceira Intempestiva, Nietzsche situa Arthur Schopenhauer (e, de lambuja, Wagner) em contraste ao sistema de ensino prussiano/alemão do século XIX, com vantagem cristalina para os dois "autodidatas" que elevam a cultura e a arte, num paralelo aos gregos, e riscavam do mapa a "subcultura", o "nacionalismo" e o "cristianismo". Nesse ensaio, Nietzsche rompe com as instituições



educacionais, numa ojeriza ora explicada pela sua concepção de cultura, ora pela tristeza e desencanto com a minimização de sua carreira e seus livros.

A Educação, para Nietzsche, precisa dos modelos de erudição e livre-pensar. Mestres e gênios. Schopenhauer e Wagner.

#### Consideração 4 - Richard Wagner em Bayreuth

Título Original: Richard Wagner in Bayreuth

Ano de Publicação: 1876

O artista - leia-se Richard Wagner - é o filósofo do Mito da Caverna platônico. Somente ele, o gênio, seria capaz de enxergar a luz na opacidade e escuridão da vida em decomposição de sua essência. E o teatro de Bayreuth seria o palco ideal para o espetáculo não só musical, não só estético, mas do renascimento da cultura. Com Richard Wagner em Bayeruth, Nietzsche encerra sua demolidora crítica cultural em que tratou da ciência, da história, da educação e da arte. E preparou o terreno para a intensificação dos seus escritos.

#### HUMANO, DEMASIADO HUMANO, UM LIVRO PARA ESPÍRITOS LIVRES

Título Original: Menschliches, Allzumenschliches, ein Buch für freie Geister

Ano de Publicação: 1878

O espírito livre finalmente arrebenta as grades. Descolase dos simulacros e das baixezas. O filósofo-poeta aflora em seus aforismos - dessa feita numerados, com remissões, nove capítulos, seiscentos e tantos subcapítulos, prefácio, pós-lúdio e tudo o mais. Humano, Demasiado Humano, um Livro para Espíritos Livres foi elaborado às portas de Nietzsche juntar algumas mudas de roupas e pertences e iniciar sua marcha pela Europa. A dedicatória do livro é para Voltaire, o ironista, o satírico, o "espírito livre" do Iluminismo. O ano de 1878 marcava o centenário de morte do autor de Cartas Filosóficas (1734) e Cândido ou o Otimismo (1759).

Em *Ecce Homo*, Nietzsche admite que Humano, Demasiado Humano é um "monumento comemorativo de uma crise". No livro, ele derruba as barragens da poesia e da filosofia, e polvilha o seu pensamento de lirismo. Estética e saber, como ele tanto sonhava. A edição de 1878 teve um desempenho pífio, constrangedor, com umas cem cópias vendidas. Isso numa época em que o mercado editorial desenvolvia seu sistema de produção-circulação-consumo: maquinário gráfico, livreiros, divulgação em jornais, consumidores-leitores. À versão de 1886 se agregam *Opiniões e Máximas* (*Vermischte Meinungen und Sprüche*, 1879) e *O Viajante e sua Sombra* (*Der Wanderer und sein Schatten*, 1880). Nietzsche morreu, o século virou e Humano, Demasiado Humano emplacou.

O teor da obra tem ascendência sobre o existencialismo. A história molda-se na forma como os homens interpretam e agem em suas opções pessoais e imposições do destino. Nietzsche desconstrói as teorias do conhecimento, trata verdades absolutas e valores morais como autoenganos, bobagens para refrear os homens em sua única tarefa, a de existir. Não perde o autor a

chance de desabonar o nacionalismo e o estado alemão e seus sistemas educacionais e culturais em que vigora a leitura e a arte vazia.

Nietzsche estava preocupadíssimo com as consequências da "razão moderna" e seus "modismos": cientificismo - a nova religião? -, Estado, nacionalismo. Ele precisava se posicionar e não negou fogo: contrapunha-se ao "comportamento de rebanho" dizendo-se um "imoralista". O espectro de Wagner, no entanto, continuava a persegui-lo, e ele segue em suas justificativas sobre a arte wagneriana transformada num instrumento de diversão burguesa.

### AURORA, REFLEXÕES SOBRE PRECEITOS MORAIS

Título Original: Morgenröte. Gedanken über die moralischen Vorurteile

Ano de Publicação: 1881

Aurora, reflexões sobre preceitos morais, ou simplesmente Aurora, desenha sua crítica à moral que será sistematizada em Genealogia da moral. A Aurora seria o porvir, o mundo novo livre das ilusões da moral, em que o homem não age de acordo com as muletas da tradição e dos conceitos falsos, tipo "Deus" ou "Alma". Esse "autoconhecimento" levará os homens ao alvorecer de um "mundo novo" em que a moral estará por nós suprimida.

Nietzsche, obviamente, põe-se como porta-voz do porvir que, ao contrário da "filosofia da história", não tem um fim materializado num sistema social, ou modelo de sociedade, mas no encontro do homem com sua dimensão de existência, a consciência de si e da

vontade de poder. "Há tantas auroras que ainda não brilharam", clama a inscrição indiana que abre o livro. A magnitude autoatribuída por Nietzsche feriu suscetibilidades dos acadêmicos e até dos amigos.

## A GAIA CIÊNCIA

Título Original: Die fröhliche Wissenschaft

Ano de Publicação: 1882; Ano da Segunda Edição: 1887

Cinco capítulos; 383 aforismos; Poesia. O texto de A Gaia Ciência caracteriza-se por uma certa sensoriabilidade, experimentação, em que Nietzsche se permite, dentro dessa teia de versos lúdicos, expor pela primeira vez a figura do livro seguinte, o Zaratustra; a Morte de Deus; o Eterno Retorno. Pitacos sobre a moral, as mulheres e aforismos-clichês: "O que é ser livre? É não termos vergonha de sermos quem somos." (275)

A experimentação de que falo surge logo de cara: o Gaia vem de gaiato, cômico, alegre, livre, indomável, criativo. O saber gaiato. Humano, Demasiado Humano, Aurora e A Gaia Ciência são exercícios de um estilo que encontra seu ápice em Assim falou Zaratustra.

ASSIM FALOU ZARATUSTRA, UM LIVRO PARA TODOS E  
PARA NINGUÉM

Título Original: Also Sprach Zarathustra, ein Buch für Alle und Keinen

Ano de Publicação: 1885

A obra-prima de Friedrich Nietzsche. Ele ousou cometer uma obra de inspiração bíblica, narrada pelo profeta persa do dualismo moral, para enfim descrever as suas principais ideias: Eterno Retorno, Morte de Deus e Übermensch. Nietzsche abre Assim falou (falava) Zaratustra informando ao leitor que, aos 30 anos, Zaratustra "afastou-se de sua pátria". Zaratustra vagava com o intuito de disseminar sua filosofia, sua concepção de homem. A imagem de andarilho combina com a situação de Nietzsche e sua peregrinação pelo continente europeu.

Ciente, quem sabe?, do que viria a ser sua obra, Nietzsche conta-nos em Ecce Homo sobre o momento em que teve o "clique" para escrever o livro quando o "gênio", tocado pela súbita centelha da criatividade, tratou de acender a fogueira de sua magnum opus: "rascunhei-a num pedacinho de papel" e prossegue divagando sobre o rochedo em que "se erguia em pirâmide, não longe de Surlei" e... Eureka! Fiat Lux! Dali em diante concentrou-se como nunca em seu Zaratustra, um espírito plasmado pela musicalidade, naquela que é a sua simbiose alegórica de arte, poesia e música.

Assim falou Zaratustra foi lançado em 1885, originalmente em três volumes. A pretensão de Nietzsche eram seis, mas concluiu apenas mais um. Um dos tomos faltantes versaria sobre a morte. Não é que o livro seja assistemático; ele é sistemático à sua maneira. Na parte 1, Zaratustra anuncia a morte de Deus e prenuncia o Übermensch. Na parte 2, entram a ideia de destino, de amor fati, a existência marcada por um embate sucessivo de superações. No terceiro ato, vem o Eterno Retorno e a sua visão de

niilismo. No quarto, as setas se invertem. Zaratustra não vai aos homens; os homens vão a Zaratustra que os oferece sua caverna. Mas eles não estavam preparados, ainda. Zaratustra não perde a esperança e evoca pela subida do "Grande Meio Dia".

## ALÉM DO BEM E DO MAL, PRELÚDIO A UMA FILOSOFIA DO FUTURO

Título Original: Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft

Ano de Publicação: 1886

Retomando a linha monográfica, dissertativa e argumentativa, Nietzsche redigiu Além do Bem e do Mal quase simultaneamente à Genealogia da Moral. Conforme afirmaria, foi da fase positiva à negativa, sem abandonar sua crítica ao pessimismo e ao niilismo sem transvalorização. Na verdade, o negativo vem da desconstrução sistematizada da moral.

O chumbo grosso de Além do Bem e do Mal é para a modernidade (e ele não poupa nada) um espaço de mentalidades incapazes de compreender o caráter uno de deus/diabo. A ciência é o homem brincando de divindade, na inútil busca pela verdade. O homem, diz, precisa estar para além do bem e do mal.

Extraídas do contexto, passagens desse livro dão margens a uma possível postura antissemita de Nietzsche. Apesar de não ser um extremista, o filósofo demonstrava receio com a presença maciça de judeus - e, por consequência, da moral judaica. É compreensível que alguns leitores percebam em Nietzsche um

antissemita envergonhado. Precisamos ressaltar, contudo, que a Europa e os europeus (e não só a Alemanha e os alemães) estavam impregnadas de antisemitismo. E que Nietzsche se insurgia contra o "homem de rebanho". Mas esse homem tinha como se superar, adotando a postura de um legítimo Übermensch. Desde que transvalorizasse os valores, sejam eles valores cristãos, platônicos, judaicos, ascéticos...

## GENEALOGIA DA MORAL, UMA POLÊMICA

Título Original: Zur Genealogie der Moral, eine Streitschrift

Ano de Publicação: 1887

A melhor sistematização sobre a moral do Ocidente feita por Nietzsche. O pensamento do autor aparece em Genealogia da moral com uma metodologia afiada e o nome cai muito bem. O filósofo divide a obra em três tratados, "psicologias" sobre o cristianismo, a (má) consciência e o ascetismo. Os homens estão cindidos em escravos e senhores. E os senhores subdivididos em sacerdotes (cultuadores do espírito) e guerreiros (cultuadores do corpo). Os sacerdotes mobilizam os escravos por meio de seus valores e pregações.

O platonismo-cristianismo, os ascetas, estes teriam se desvirtuado da conjunção da ética grega clássica para a moral dualística do Bem x Mal. Isso trazia um sentimento de ressentimento contra o nobre, o prazer, o dionisíaco. O "bom" da ética grega não é o mesmo que o "Bem" da moral ascética, realizável somente mediante a negação e a repressão em nome de uma plenitude no porvir do além-terreno. Ao colocar o ideal

ascético na cabeça dos escravos, os sacerdotes promoveram a degenerescência e a inaturalidade.

A Genealogia da Moral sugere uma necessidade, ainda que não dita, de Nietzsche se fazer entender entre seus interlocutores: os intelectuais e acadêmicos. A estratégia de reconstituição da moral, desde Sócrates, encontrou alguma ressonância e aceitação. O metafórico e poético, digamos, numa "versão para especialistas": metodologia, categorias analíticas, resgate histórico.

## O CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS, OU COMO FILOSOFAR COM O MARTELO

Título Original: Götzen-Dämmerung, oder Wie man mit dem Hammer philosophiert

Ano de Publicação: 1888

O título parodia O Crepúsculo dos Deuses, ópera de Richard Wagner. O Crepúsculo dos ídolos é um opúsculo na linha do rolo compressor, da dinamite, da "filosofia do martelo", batendo em todos os engodos do Ocidente. São pontapés violentos nos idealismos, nas crenças, nas verdades "deusificadas" e nas ilusões modernas.

## O CASO WAGNER, UM PROBLEMA PARA MÚSICOS/ NIETZSCHE CONTRA WAGNER

Título Original: Der Fall Wagner, ein Musikanten-Problem

Ano de Publicação: 1888-89



O Caso Wagner, um Problema para Músicos e Nietzsche contra Wagner organizam e passam em revista toda a altercação envolvendo Nietzsche e Wagner. A música tem papel central no pensamento nietzschiano. Ela é a "flauta de Dionísio" e sintetiza o conjunto da obra nietzschiana.

A musicalidade, em Nietzsche, ecoa o poder transformador e o ideal de resgate do homem trágico dos ditirambos gregos. O fiapo de esperança em Wagner se partiu, fruto das próprias idiossincrasias de que se constitui um homem. Foi a condição humana que, ironicamente, levou Wagner aos extremos de transgressão e conformismo. Nietzsche, nesse par de livros, segue na campanha de fazer da obra wagneriana o exemplo de como a aceitação passiva de certos valores provoca a erosão da arte, da cultura, do Dionísio que existe em cada um de nós.

## O ANTICRISTO - PRAGA CONTRA O CRISTIANISMO

Título Original: Der Antichrist. Fluch auf das Christentum

Ano de Produção: 1888; Ano de Publicação: 1895

Dirige-se furiosamente ao cristianismo e às "religiões da decadência". Publicado na fase da loucura - mas escrito em 1888, no limiar da sanidade -, O Anticristo não está nas considerações de Ecce Homo. Ele não aponta a mira para o Jesus Cristo "histórico", mas em seus divulgadores como Paulo (Saulo) de Tarso, o propagador do cristianismo. Aos detentores do anel de pescador e da oratória da cristandade. O fenômeno do cristianismo - e de sua moral - é uma doença a ser extirpada, um modelo civilizacional

malévolo. O Anticristo desfila uma coleção impressionante de acusações, adjetivos e vitupérios.

Em edições futuras do livro, será incluída o apêndice "Lei contra o cristianismo", um manuscrito de Nietzsche encontrado por um pesquisador de sua obra. Essa lei condensa suas ideias numa ordenação jurídica fictícia, "colocando em prática" sua varredura no cristianismo.

ECCE HOMO, DE COMO A GENTE SE TORNA O QUE A  
GENTE É

Título Original: Ecce Homo, Wie man wird, zoas man ist

Ano de Produção: 1888; Ano de Publicação: 1908

Friedrich Nietzsche por ele mesmo, Ecce Homo é daquelas autobiografias de grandes pensadores que se impõem tanto pela força argumentativa quanto por sua transparência e destemor. Encontra-se fartamente evocada neste dossiê, para evidenciar a forma como Nietzsche enxergava a si e sua obra, e a consciência de sua intemporalidade.

Ao cabo do livrinho, a pergunta: "Fui porventura compreendido?" e desfecha: "Dionísio contra o Crucifixo..." (Crucificado, dependendo da versão).

ACOLETANEAS, SELEÇÕES E OBRAS APÓCRIFAS

DITIRAMBOS DE DIONÍSIO

Nove poemas de Nietzsche inspirados em Dionísio, escritos em ocasiões diversas - alguns deles talvez sem pretensões de serem publicados - e geralmente publicados em conjunto com outras obras do filósofo de Röcken, como O Anticristo.

## VONTADE DE PODER

Vontade de Poder (Der Wille zur Macht) é a problemática coletânea de aforismos editada pela irmã Elizabeth Förster Nietzsche e pelo amigo Peter Gast. Os textos dos aforismos são realmente de Nietzsche, mas a ordenação dos capítulos e a manipulação do discurso parece ser obra dos editores. Segundo foi apurado posteriormente, Friedrich Nietzsche havia até elaborado um plano de seleção de trechos que em nada se assemelhava ao que fizeram Elizabeth e Gast. Os defensores de Elizabeth garantem que, por ser ela leiga em filosofia, isso permitiu as conspirações e incorreções reproduzidas em edições futuras.

## A MINHA IRMÃ E EU

Obra apócrifa que gera suspeitas. Alega-se que o livro foi escrito em 1889, durante as idas e vindas do manicômio e nos tempos de interdição na casa da irmã. O estilo, a forma, não se assemelham muito à literatura habitual de Nietzsche, além de a história de o manuscrito ser, no mínimo, espetacular: a papelada passou de mão em mão até chegar à mesa de um sagaz editor estadunidense, que apostou no lançamento do livro.

Temperado de sensualidade, A Minha Irmã e Eu narra a relação de Nietzsche com a irmã Elizabeth e as demais "mulheres de sua

vida": a mãe Franziska, a paixão por Lou Salomé e a esposa de Wagner, Cosima. Ficam as interrogações.

## Cinco ideias fundamentais de Nietzsche

### AMOR FATI

Traduzida livremente, a expressão latina amor fati quer dizer "amor ao destino". Nietzsche a utiliza para descrever a afirmação dionisíaca da vida, daquilo que somos, o amor ao inevitável. O Übermensch nietzschiano detém as qualidades do amor fati.

O amor fati não se reduz, claro, à visão nietzschiana do termo. A resposta à pergunta "O que é destino?" dita o seu significado para renascentistas, estóicos e cristãos. O destino, em Nietzsche, possui o signo da existência, da materialidade, do sim ao mundano.

Curiosidade: na sétima temporada da série de ficção científica Arquivo X (1999), o episódio A Sexta Extinção, Parte II: AmorFati troca a habitual mensagem de abertura "The Truth is Out There" (a verdade está lá fora) por "Amor Fati" (amor ao destino).

### ETERNO RETORNO

A ideia nietzschiana de Eterno Retorno (Ewige Wiederkunft) refere-se aos ciclos repetitivos dos fatos e da existência dos homens: felicidade e dor, prazer e repulsa, guerra e paz, criação e destruição, caos e ordem se sucedem indefinidamente. É a

experiência da existência. A vida pulsante. A vida se preenchendo das coisas da vida. E somente na enganosa aparência, os pares elencados se opõem de maneira irreconciliável. Segundo Nietzsche, eles se integram à realidade e se complementam: a fusão de Apolo e Dionísio, o homem trágico.

Os ciclos do Eterno Retorno não obedecem a uma temporalidade objetiva. Inexiste nele aquela marcação de tempo exata e cronológica. As vicissitudes do existir ocorrem e oscilam a cada instante enquanto respiramos, em modos e intensidades variáveis. Cabe-nos compreender isso como o jogo real do existir. Porque o Eterno Retorno nietzschiano nada tem de transcendência além-terrena.

Por essa razão, os ascetas, o valor do bem-em-si, a luta pela purificação, negam o Eterno Retorno, e dizem não à natureza humana.

Nietzsche disserta sobre a ideia/conceito de Eterno Retorno com lirismo e obliquidade nos livros *A Gaia Ciência*, *Assim falou Zaratustra* e *Para Além do Bem e do Mal*.

## TRANSVALORIZAÇÃO DOS VALORES

O prefixo trans sugere o movimento de ir além, no caso, suplantar os valores tradicionais sedimentados na moral cristã e ascética, em qualquer moral. A transvalorização dos valores seria a etapa reativa no projeto de um legítimo *Übermensch*, no qual se inclui o Eterno Retorno (a consciência do sumo da existência), o amor fati (amor aos eventos e sentimentos do destino humano) e a lei primária da Vontade de poder (o universo constituído como vontade de potência).

## ÜBERMENSCH (SUPER-HOMEM/ALÉM-DO-HUMANO)

Esse Übermensch dá o que falar! Passeou por campos longínquos, inimaginados por seu criador, justificou barbaridades políticas e semeou vitórias épicas no esporte. Mas os equívocos interpretativos começam já no processo de tradução. Na língua alemã, super-homem é der Übermann e não Übermensch, pois o Mensch do conceito de Nietzsche tem sentido aproximado de "humano" e Über, de "além", "acima de". Portanto, o mais acertado seria traduzir a expressão como "Além-do-Humano", por sinal algo adequadíssimo às ideias de Nietzsche.

Resolvido os pormenores etimológicos, vamos nos concentrar no conceito, crucial para a compreensão do pensamento nietzschiano. Desenvolvido principalmente nas páginas de Assim falou Zaratustra, o Übermensch encara o Eterno Retorno, ama o destino e possui em si as ganas da vontade de poder, assumindo-se integrante ativo e criador da vida, o corpo e a mente desprovidos do essencialismo platônico e cristão. O rompimento com Deus - afinal, ele está morto - e com os idealismos correlatos o liberta da culpa, do remorso, da castração dos sentidos, formas de violência contra a natureza humana. O Übermensch revolta-se contra o estabelecido, rompe paradigmas e valores, supera a moral, destrói, cria e recria continuamente.

## VONTADE DE PODER/POTÊNCIA

Para Friedrich Nietzsche, a Vontade de Poder, fonte criativa da vida, exclui de imediato qualquer sinal de conotação metafísica, religiosa e política. Outros pensadores, entre eles Thomas Hobbes,

basearam-se em terminologias similares com intenções e ângulos diferentes.

Ambivalente, a vontade de poder nietzschiana mostra-se profundamente niilista e negadora, ao descortinar a fragilidade da moral, libertadora e positiva, por assentar-se no poder construído do homem. O processo no interior desses polos é contínuo, entrelaçado, e dessa fricção advém a vontade de potência, o poder criador abastecido de perspectivas, de contrastes, vivendo para além das verdades canônicas, o homem no seu fulgor biológico e psicológico.

Amor fati, Eterno Retorno, Transvalorização dos Valores, Übermensch e Vontade de Poder são ideias que se completam, elos da corrente que estabelecem a coerência sistêmica da filosofia nietzschiana sobre a moral e a condição humana.

# IV

## O "Homem-Dinamite": seguidores, críticos e influências

O pensamento filosófico contido nas obras de Friedrich Nietzsche espalhou-se pelo século XX e realizou travessia segura rumo ao século XXI. Nietzsche permanece citado em aspas e rodapés de livros, artigos, monografias, teses, comunicações; em matérias de revistas e jornais; falas em palestras, conferências, mesas-redondas, seminários e aulas de graduação e pós-graduação, além de referências em fóruns, sites, redes sociais, comunidades, revistas eletrônicas e blogs esparramados pela rede mundial de computadores, a tal da Internet. Pesquisadores profissionais e ensaístas diletantes, livre-pensadores obscuros e intelectuais renomados burilam a argumentação, recheando-a de excertos e sacadas desse pensador extemporâneo e intemporal.

No Brasil e no exterior, mestrandos e doutorandos aglutinam-se em grupos de estudo dedicados a reavaliar e a perscrutar os meandros da filosofia nietzschiana, ao passo que cursos livres ou inseridos em grades curriculares, aulas temáticas promovidas por colégios, associações setoriais, "cafés filosóficos" e faculdades seguem na



função de transmiti-la e problematizá-la. O contestador Nietzsche alcançou, e isso não se discute, o Olimpo da filosofia ocidental moderna. Ele tentou lançar bombas e chamas sobre algumas tradições e valores do Ocidente, mas acabou incorporado. Tornou-se cânone, tornou-se pop.

Uma das peculiaridades, senão a principal delas, de sua filosofia vívida e incandescente é a ausência de amarrações concludentes na linguagem. Vistos em panorâmica, seus textos invocam insights, aforismos, fraseados e metáforas desafiadoras. Trata-se de uma filosofia sistêmica, estratégica, convicta, cultivada, mas não propriamente atada a sentidos lógicos compactos e estanques, totalmente impermeáveis a qualquer nova interpretação e significação. Mesmo as suas opiniões mais duras e renitentes - o anticristianismo, a recusa do pessimismo, a crítica ao idealismo metafísico e ao platonismo - já foram relativizadas por especialistas e comentadores, que perceberam contradições subjacentes ao discurso nietzschiano.

Contradição, interpretação, debate - e seus respectivos sinônimos. Palavras recorrentes no vocabulário deste Dossiê Nietzsche. O contraditório não apaga virtudes; antes, realça um exercício intelectual a quente, desassossegado, do homem imerso em suas inquietações. Uma obra se perpetua quando vence as barreiras de tempo e espaço e continua a levantar indagações, guiando na contramão do consenso e metendo o dedo sujo na ferida. Nietzsche não conheceu a informática, a Web, a robótica, a nanotecnologia, os analistas de sistemas e os global traders, mas nos faz pensar o mundo e o homem contemporâneo. Tivesse ele se armado para sobressair-se em seu tempo, conservador de sua reputação, com parágrafos meticulosos e sucintos, talvez fosse lentamente esquecido entre as catástrofes, genocídios, guerras, crises econômicas e as ilusões perdidas do século

passado, que ele não vivenciou. A interpretação e o debate advêm dessa primordial margem de manobra, larga o suficiente para abrigar ideologias políticas, renovações filosóficas e obras de arte.

\*\*\*

"Eu não sou um homem, sou dinamite" afirmou Nietzsche em "Por que sou um destino", o quarto e derradeiro capítulo de *Ecce Homo*. Em 1847, o cientista italiano Ascanio Sobrero descobriu o trinitrato de glicerina, a nitroglicerina. Vinte anos depois, o químico sueco Alfred Nobel desenvolveu, patenteou e amalhou fortuna com a dinamite, explosivo a base do elemento criado por Sobrero, pesquisador e professor da Universidade de Turim, a cidade-símbolo dos périplos de Nietzsche e lugar onde ele teria finalizado *Ecce Homo*. Ninguém sabe se Nietzsche pensou na coincidência, embora o artefato utilíssimo à guerra - e à construção civil - fosse uma metáfora perfeita para a sua autoidentificação. Ele quis explodir. Voaram estilhaços. E do caos concebeu-se a estrela cintilante: a construção de escolas filosóficas, teóricas e artísticas do século XX.

Editada e publicada, a obra escapa às rédeas do autor. As interpretações e os debates correm livres e soltos. Seguidores, críticos, satiros, influenciados e debatedores se apresentam. Nesses cento e tanto anos de exposição, o pensamento nietzschiano vicejou na ontologia de Martin Heidegger, no existencialismo sartriano, em romances e novelas de Albert Camus, Thomas Mann e Robert Musil, na criatividade da turma pós-estruturalista (Gilles Deleuze, Felix Guattari e cia.) e na investigação histórica e epistemológica, "arqueológica", proposta por Michel Foucault nos seus trabalhos sobre o biopoder, a sexualidade, a loucura e os sistemas prisionais. Nietzsche está na raiz da psicanálise freudiana. Justifica manifestos libertários. Ativa a sede de potência nos consultórios de filosofia clínica. Apadrinha o niilismo. Tece o saber.

O Nietzsche póstumo, redivivo, protagoniza as cenas deste capítulo.

NIETZSCHE, IDEÓLOGO DO NAZISMO?

Quem manifesta curiosidade sobre o legado de Nietzsche depara-se, cedo ou tarde, com uma pergunta capciosa e desconfortável: o pensamento nietzschiano está diretamente associado à ideologia nazista? Esse assunto delicado sempre vem à tona quando pretendemos compreender a formulação das teses do nazismo. Nietzsche, ideólogo do Terceiro Reich'?

Para começar, precisamos esclarecer o termo "nazismo".

Basicamente, ele se refere à teoria e à ação política organizada no seio do partido Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSDAP), o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (PNS), sendo a palavra nazi resultante de Nationalsozialistische - os adeptos da socialdemocracia alemã respondiam pela sigla sozi, as sílabas iniciais de Sozialdemokratie. A plataforma do PNS incluía a combinação de um nacionalismo germânico irreduzível, expansionismo sob a bandeira do Terceiro Reich, restrições à atuação de acionistas e banqueiros - entre eles, os judeus - e ao mercado financeiro em geral, o fortalecimento da economia interna e uma política antissemita e de "supremacia ariana" conduzida progressivamente ao extremo no decorrer do governo Hitler.

No tabuleiro político do período, os nazistas do PNS posicionavam-se em oposição radical às democracias liberais representadas pelas potências Grã-Bretanha e EUA (e seus especuladores e "espoliadores", acusados pelo crash de 1929 na Bolsa de Nova York e pela amargura da Grande Depressão) e à ameaça comunista da URSS. A nomenclatura da legenda comandada por Adolf Hitler, nomeado

chanceler do país em 30 de janeiro de 1933, resume o ideário nazista no tocante à administração da máquina estatal: Nacional Socialismo.

[O modelo socialista proposto pelos clássicos da esquerda marxista e trotskista2,](#) assumidamente internacionalista e em favor da classe proletária e camponesa (o martelo e a foice do pavilhão soviético), visa ultrapassar as fronteiras nacionais e garantir à coletividade, sobretudo à base da pirâmide social, a posse das propriedades e meios de produção. Na doutrina marxista-leninista, o socialismo seria um estágio intermediário entre o capitalismo e o comunismo.

O "socialismo nazista", por outro lado, também coloca a posse da propriedade e a produção coletiva acima dos interesses privados, mas será o Estado forte e autoritário, e não os trabalhadores, os detentores do monopólio dos meios de produção e violência legítima. Assim, os planos do Reich hitlerista não eram motivados por um sonho de revolução proletária global, e sim por interesses do império germânico "ariano" em constante alargamento de divisas. Além do mais, o nacional socialismo difere das teorias socialistas por escancarar um repúdio de fundo étnico e biológico, distinguindo os homens segundo suas crenças, origens, culturas e biotipos.

[O socialismo/comunismo e o nazismo frustraram as suas promessas e deterioraram-se em totalitarismo e assassinatos no stalinismo, no maoísmo, no hitlerismo e nas variantes fascistas na Espanha e na Itália3.](#) Os partidários das democracias liberais entendem que ambos os sistemas jamais poderiam ir além do que foram: ditaduras sangrentas fadadas ao declínio.

Dito isso, encontramos no manancial de ideias elaboradas por Nietzsche passagens travadas e não completamente resolvidas que

parecem ecoar a cantilena nazista. Quatro fatores distorcidos e instrumentalizados reforçam os paralelos:

1. O ideal do *Übermensch* pode ser manipulado para várias finalidades. A partir da ótica nazista, o "além-do-homem" se transforma na representação máxima da superioridade "racial" ariana, capaz de fazer da humanidade uma "supercivilização", o Reich.
2. Nietzsche postulava uma espécie de aliança europeia, sem qualquer semelhança com o organismo multilateral União Europeia (UE), para derrubar a febre do nacionalismo que tanto o incomodava. Quiseram relacionar isso com o expansionismo geográfico alemão.
3. A amizade de Nietzsche e Richard Wagner, aclamado por Adolf Hitler o "compositor do Reich" devido ao entusiasmo pelas óperas e concertos wagnerianos que assistiu nas cidades austríacas de Linz e Viena, provavelmente regidos pelo maestro judeu Gustav Mahler.
4. Afirmações contidas em *Além do Bem e do Mal* denotam contrariedade aos judeus, numa época em que o antissemitismo galopava pelas terras europeias.

Aproximações como essas são facilmente rebatidas. O sentido do *Übermensch* escapou ao controle nietzschiano e é praticamente um quadro em branco, a ser preenchido pelas cores e contornos prediletos do "artista"; o Reich nazista contradiz o antinacionalismo de Nietzsche, na medida em que se vale de instrumentos de propaganda, violência e de toda a simbologia que cerca um estado nacional; e, para encerrar, Nietzsche e Wagner não devem ser condenados post-mortem pelos crimes cometidos por terceiros. Ainda que se reconheça um espaço de dubiedade na filosofia de Nietzsche e eventuais pendores antissemitas na arte wagneriana.

\*\*\*

Vamos, agora, à cronologia dos fatos. Friedrich Nietzsche faleceu em 1900, 25 anos antes da publicação de Mein Kampf (Minha Luta), escrito por Adolf Hitler, um oficial de baixa patente do exército alemão, nascido em Braunau am Inn, na vizinha Áustria. Quando Nietzsche foi sepultado, Hitler era um menino de uns dez, 11 anos, há 15 de servir o exército do império alemão na Primeira Guerra Mundial e ser duas vezes condecorado [rado por bravura](#). Hitler dedicou-se à redação de seu manual autobiográfico e doutrinário na curta permanência na prisão, motivada pelo Putsch da Cervejaria de 1923, tentativa mal-sucedida de golpe na Baviera orquestrada do "QG" da cervejaria Bürgerbräukeller, em Munique. Hitler foi sentenciado e preso junto com Rudolf Hess, seu fiel colaborador no partido nazista - e na produção do livro.

O embrião do PNS/NSDAP não se encontrava nos livros. Nem no de Hitler, tampouco nos de Nietzsche. Fundado em 1918, o precursor da legenda foi o Freier Ausschuss für einen deutschen Arbeiterfrieden, o Comitê para a Paz dos Trabalhadores Alemães. Logo em seguida, os partidários Anton Drexler, Karl Harrer, Gottfried Feder e Dietrich Eckart re-estruturaram e renomearam o agrupamento político para Deutsche Arbeiterpartei, o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP). Escalado pelo governo, então República de Weimar, para investigar as táticas revolucionárias do nacionalista DAP, Adolf Hitler enamorou-se do grupo e decidiu se filiar em setembro de 1919. A partir de sua integração ao DAP, agora NSDAP, consolida a sua ideologia e estratégia de penetração nas artérias do poder. Drexler e as demais lideranças do DAP perderam terreno para o protagonismo de Hitler, alçado ao posto de condutor do grupo.

Nietzsche, enfim, não teve qualquer participação nas ações políticas que resultaram na escalada antissemita da Alemanha hitlerista. É injusto imputar ao filósofo atividades promovidas por Hitler e seu partido, intensificadas após a sua chegada ao governo na condição de chanceler indicado pela coalizão governista liderada pelo presidente Paul von Hindenburg, e extrapolada nos [superpoderes adquiridos depois do incêndio, atribuído a militantes comunistas, no Reichstag, o edifício do parlamento alemão \(Bundstag\)](#)as 5.0 estado de exceção na Alemanha era essencial para medidas totalitárias hitleristas, condutoras do Terceiro Reich; das anexações territoriais, estopim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945); e do Holocausto (Shoah), assassinatos sistemáticos e em massa de milhões de judeus em campos de concentração.

Um membro da família Nietzsche, no entanto, manteve ligações íntimas com o Reich. Elizabeth Förster Nietzsche, irmã do filósofo, era casada com Bernhard Förster, um antissemita de carteirinha. Existem relatos de que Bernhard fracassou na criação de uma comunidade ariana nas Américas, sediada no Paraguai. A esposa Elizabeth aproveitou-se da condição de gestora do NietzscheArchiv, o Arquivo Nietzsche, do qual era a titular desde 1894, para difundir uma versão editada por ela e Peter Gast de Vontade de Potência, obra que acentuava a noção de Nietzsche como profeta do nazismo e do Terceiro Reich. Já viúva de Bernhard, Elizabeth militou nas fileiras do nacionalismo e do antissemitismo e gozou das benesses dos parentescos. Ao som de A Cavalgada das Valquírias, Elizabeth ofereceu ao Führer uma bengala usada pelo irmão Friedrich, numa cerimônia em novembro de 1933. Durante o governo Hitler, o Arquivo Nietzsche recebeu generoso aporte financeiro e serviu aos interesses da propaganda nazista até depois da morte de Elizabeth, em 8 de novembro de 1935.

Nietzsche inegavelmente teve a obra "confiscada" pelo nazismo. E com a mãozinha da irmã e dos amigos. Na cúpula do DAP/PNS havia razões aos montes para enxergar em excertos da filosofia nietzschiana uma inclinação pelos fundamentos do ideário nazista, denotada em trechos obscuros e posições isoladas do filósofo. Mas supor que ele fosse o ideólogo ancestral do nazismo faz o inquisidor cair nas teias do contraditório. É o mesmo que crucificar Charles Darwin pela teoria evolucionista grosseira do arianismo nazista. Nietzsche certamente não aprovaria, por exemplo, a opressão do Estado contra as manifestações artísticas e intelectuais do homem e o esmagamento do indivíduo pela massa hipnotizada por bandeiras e lemas.

A "Europa unida" dos escritos de Nietzsche ladeia uma visão libertária. Ele desconfiava da democracia, da ciência, do nacionalismo, das religiões, do anarquismo e... do antisemitismo. Esse "pé atrás" é uma postura na qual não cabe a adesão formal a um sistema totalitário de direita, centro ou esquerda. Ele não se deixaria aprisionar por uma "nova ordem" desse tipo, embora seus escritos pareçam um bocado maleáveis. Adaptáveis.

Em suma: é incorreto associar o homem e o filósofo Nietzsche ao nazismo, mas o nazismo decerto se influenciou pela interpretação que lhe interessava da filosofia de Nietzsche.

## **APRENDENDO A VIVER COM NIETZSCHE**

["Nietzsche e o sofrimento" é o sexto e último episódio de uma série de documentários produzidos pelo filósofo Alain de Botton para o Channel 4 Televison, emissora pública inglesa](#)<sup>6</sup>. Botton é autor de Como Proust pode mudar sua Vida (1999),



As Consolações da Filosofia (2001) e A Arquitetura da Felicidade (2007), todos editados pela Rocco, e utiliza na série televisiva Sócrates, Epícuro, Sêneca, Montagne, Schopenhauer e Nietzsche para demonstrar os poderes da filosofia quando aplicada à vida cotidiana. Essa filosofia voltada para fins terapêuticos e práticos recebeu no Brasil o sugestivo nome de Filosofia Clínica.

Tal como difundida no país, a filosofia clínica foi desenvolvida pelo filósofo e psicanalista gaúcho Lúcio Packer, organizador de clínicas e cursos inspirados em experiências similares na Alemanha, notadamente a Philosophische Praxis'. O controverso ramo de Packer costuma ser atacado em duas frentes de batalha: psiquiatras e psicólogos consideram-na insuficiente para estabelecer um quadro clínico e emocional do paciente, enquanto os filósofos acusam a "terapêutica filosófica" de mercantilizar e diluir o saber filosófico em prol da resolução de dilemas imediatos da sociedade hipermoderna e do hiperconsumo, nas definições de Gilles Lipovetsky<sup>8</sup>.

O mercado editorial absorveu com êxito a novidade. Títulos alusivos ao conhecimento filosófico ocupam as prateleiras do filão da autoajuda e contribuem para tornar familiar ao leitor não-acadêmico a dimensão filosófica de Marcel Proust, Platão na pena de Lou Marinoff (Mais Platão, menos Prozac, Record, 2001) e Schopenhauer e Nietzsche, nos já mencionados livros de Irvin D. Yalom. A literatura de autoajuda incorpora à sua maneira vários saberes técnicos e das humanidades: neurolinguística, psicologia, psicanálise, história... A filosofia não ficaria de fora no abastecimento desse mercadão de táticas e soluções para a superação de "obstáculos".

A popularização de rudimentos filosóficos é ainda mais abrangente e ganha o rótulo de "filosofia pop". Das obras com pretensões terapêuticas àquelas sinceramente dedicadas a lançar essa vastidão de

conhecimentos ao grande público, destaca-se um escritor identificado com o segmento juvenil: Jostein Gaardner, o norueguês que lançou em 1991 *O Mundo de Sofia*, livro na cabeceira e debaixo do abajur de milhões de leitores. As cartas e bilhetes endereçados à Sofia Amundsen iniciaram no universo filosófico gerações de adolescentes e adultos.

Engana-se, porém, quem supõe ser fenômeno contemporâneo o uso de doses filosóficas para remediar corações partidos e baixas autoestimas. A procura da felicidade, da plenitude, do sentido da existência move os homens desde os primórdios. Os filósofos da tradição greco-romana acreditavam numa educação para o bem-viver físico e mental. Frases e escritos do romano Lucius Annaeus Sêneca são manuais de conduta irretocáveis. O estoicismo de Sêneca não se furtava a colocar a reflexão no patamar do cotidiano<sup>9</sup>. Viver e pensar. Pensar e viver.

Não há mocinhos e vilões nesse embate. Os detratores da filosofia clínica estão corretos ao denunciar as ganâncias de certas edições e consultórios terapêuticos. Igualmente parece válida a crítica à temerária redução a esquemas simplistas de pensamentos que merecem estudos sistemáticos e aprofundados. Isso desestimularia a leitura dos originais? Não é pequeno o risco de pensadores do naipe de Nietzsche serem parasitados por fabricantes de clichês e lugares-comuns.

Os praticantes da filosofia clínica, terapêutica, pop, popular etc. acreditam justamente no reverso da moeda: eles estariam aproximando do público-leitor textos outrora assustadores de tão densos, "chatos" e intrincados. Aliás, a popularidade atingida por Botton, Marinoff e Gaardner não sinaliza uma perversão dos clássicos. O amaciamento de forma e linguagem nem sempre implica erros lógicos.

Mas para entender Nietzsche, o ideal é conhecê-lo na íntegra, deixando as versões romanceadas e "orientadas" para os momentos de relaxamento e diversão.

\*\*\*

Nietzsche, convenhamos, é um convite vip à autoajuda e à terapia. Übermensch, Amor Fati, vontade de poder, dicas de nutrição, desdobramentos para o aperfeiçoamento dos homens em suas atividades e emoções diárias. A elasticidade da interpretação do pensamento nietzschiano vai da suposta apologia ao nazismo às estratégias pessoais e profissionais do pacato cidadão de classe média. Mas serão essas boas interpretações?

Para evitar deformações, danosas no longo prazo, faz-se necessário resistir à tentação de devorar a filosofia como alimento fresquinho e palatável, uma fórmula nutritiva para transformar os seres humanos em mercadorias cobiçadas no mercado de trabalho, no âmbito mesmo de uma sociedade de consumo. Recebemos centenas de informações por minuto, mas será que temos capacidade e tempo para selecionar e refletir sobre elas?

Sim, o pensamento de Nietzsche nos ensina a viver e a compreender. Não vem embalado para consumo rápido, mas ensina. Por que posar de pedante? Seus livros nos engrandecem e ficam melhores quando complementados por leituras de idêntico calibre. Todo grande pensador tem suas propriedades terapêuticas, não é? A filosofia é a companheira do intelecto e do espírito.

**Era Nietzsche um niilista?**

Do latim nihil (nada), a expressão "niilismo" designa correntes filosóficas e movimentos culturais que negam a ordem social, as instituições, as leis, os valores e a moral vigente. Historiadores acreditam que o termo já era usado durante a Revolução Francesa (1789-1799) para se referir àqueles que preferiam se abster das contendas revolucionárias. No entanto, para Martin Heidegger, foi o filósofo Friedrich Jacobi, em carta datada de 1799 e endereçada a Johann Fichte, quem teria primeiramente mencionado o niilismo nos termos que conhecemos.

O niilismo adquiriu sua face de movimento na Rússia czarista do século XIX. A derrota russa na Guerra da Crimeia (1853-1856) e as mazelas sociais motivaram intelectuais a empregar em seus textos sentimentos de descrença absoluta e reação negativa à ordem, à autoridade, à metafísica, à religiosidade, aos idealismos de qualquer matiz. No romance Pais e Filhos (1862), de Ivan Turgueniev, encontramos o personagem niilista Bazarov. Fiódor Dostoiévski, no seu Os Irmãos Karamazov (1879), reproduz o espírito e as práticas niilistas na figura de Ivan Karamazov.

Fã de literatura russa, contemporâneo de Turgueniev e Dostoiévski, Nietzsche trabalhou a questão do niilismo.

Para (não) variar, considerou os niilistas incompletos e negativos. Os niilistas projetavam a destruição da ordem, da moral e caíram na encruzilhada. Permaneciam na inércia terrível do nada ou substituiriam os valores e modelos destruídos por peças análogas na essência, incapazes de "transvalorizar os valores" - a troca do cristianismo pelo socialismo, por exemplo?

Nietzsche repensa o niilismo na esteira do Übermensch. Em princípio, a atitude dos niilistas seria um passo necessário e

aprovado de avanço. Mas, longe de somente negar a vida e a moral, um tanto passivo, desgosto e resignado, o homem deve manter-se num processo interminável de criação, destruição, criação. O niilista-ativo assume assim a sua condição de criador de valores.

Albert Camus entendia o pensamento nietzschiano como a consciência crítica do niilismo: "com Nietzsche, o niilismo torna-se pela primeira vez consciente", registrou em "Nietzsche e o niilismo", ensaio que integra O homem revoltado. "[Nietzsche] recruta para a causa do niilismo os valores que tradicionalmente foram considerados freios do niilismo. Principalmente a moral."

## **CRÍTICOS, SEGUIDORES E DEBATEDORES**

THEODOR ADORNO (1903-1969)

Quem é?

Sociólogo, musicólogo e filósofo alemão. Ao lado de Walter Benjamin, Max Horkheimer, Eric Fromm e Herbert Marcuse, Adorno capitaneou a Escola de Frankfurt.

Principais obras

- A Dialética do Esclarecimento (com Max Horkheimer);
- Mínima Morália;
- Teoria Estética;
- Indústria Cultural e Sociedade (coletânea de ensaios).

## Referências-Chave

- teoria crítica;
- indústria cultural;
- dialética do esclarecimento.

## Sobre Nietzsche

A música e a estética ocupam lugar privilegiado nas obras nietzschiana e adorniana. Questões abordadas por Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* serão retomadas por Adorno nos ensaios e artigos sobre a indústria cultural, em particular no texto *A Moda Intemporal do jazz*. O sociólogo frankfurtiano, porém, discordará da crítica à moral ocidental feita por Nietzsche: Adorno aplaudia a perspicácia e sensibilidade nietzschiana no estudo psicológico do homem ocidental, mas apontava incongruências e lacunas comprometedoras.

## RAYMOND ARON (1905-1983)

### Quem é?

Filósofo, sociólogo e cientista político francês. Atuou como Professor de sociologia na Escola Nacional de Administração e no Collège de France.

### Principais obras

- *As Etapas do Pensamento Sociológico*;
- *O Marxismo de Marx*;
- *Paz e Guerra: uma Teoria das Relações Internacionais*;

- O ópio dos Intelectuais.

## Referências-Chave

- Guerra Fria;
- relações internacionais;
- pensamento liberal.

## Sobre Nietzsche

Nas páginas de O ópio dos Intelectuais, Raymond Aron descreve Nietzsche como um "não-conformista", um revoltado contumaz contra "a vulgaridade", alguém avesso às instituições modernas. Em tempo: para o liberal Aron, o "ópio dos intelectuais" atende por marxismo, comunismo e socialismo. Nietzsche lançava um olhar reticente para as predições de igualdade e justiça social, aproximando-se parcialmente dos pensadores e políticos de direita.

## PIERRE BOURDIEU (1930-2002)

Quem é?

Sociólogo e antropólogo francês. Lecionou sociologia no Collège de France e ministrou cursos nas universidades de Harvard e Chicago.

## Principais obras

- As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário;
- O Poder Simbólico;
- A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino;

- A Distinção: Crítica Social do Julgamento.

### Referências-Chave

- habitus;
- poder simbólico;
- capital cultural;
- estruturalismo construtivista.

### Sobre Nietzsche

Colegas no prestigiadíssimo Collège de France, Pierre Bourdieu e Michel Foucault leram e debateram intensamente os livros de Nietzsche. Para o filósofo Bento Prado Jr., ex-professor da USP e Unicamp, Nietzsche, Bourdieu e Foucault estudaram a educação para além das técnicas de ensino e desvendaram as estruturas e o papel social das instituições regulares de saber. Sobre a arte, segundo a sociologia bourdiana, o "campo artístico" e a percepção de "gosto/fruição estética" são conceitos mais esquemáticos do que imaginaria e assinaría embaixo Nietzsche, um fervoroso devoto da estética.

### ALBERT CAMUS (1913-1960)

#### Quem é?

Escritor e filósofo argelino, filho de um soldado francês morto na Batalha de Marne durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1957, Camus foi agraciado com o Nobel de Literatura.

#### Principais obras



- O Estrangeiro;
- A Peste;
- O Homem Revoltado;
- O Mito de Sísifo.

#### Referências- Chave

- existencialismo;
- sentimento do absurdo;
- questão do sentido;
- revolta.

#### Sobre Nietzsche

Qualquer autor que se aventure a trilhar pelos caminhos labirínticos da condição humana tem em Nietzsche um poderoso interlocutor. Albert Camus foi um deles: O homem revoltado, de 1951, joga luz sobre a obra nietzschiana e sua "revolta", procurando dissociá-lo da pregação nazista, ressaltando apenas o perigo de suas brechas interpretativas. Camus, como Nietzsche, era um amante da literatura de Dostoiévski.

#### GILLES DELEUZE (1925-1995)

Quem é?

Filósofo e historiador da filosofia francês, formado pela Sorbonne. Escreveu uma série de livros nos quais reinterpreta Kant, Spinoza, Bergson, Kafka, Proust e Nietzsche.

## Principais obras

- Diferença e Repetição;
- Lógica do Sentido;
- Crítica e Clínica;
  - O Anti-Édipo (com Félix Guattari).

## Referências-Chave

- máquinas-desejastes;
- pós-estruturalismo;
- desterritorialização.

## Sobre Nietzsche

Deleuze publicou dois ensaios tratando diretamente de Nietzsche: Nietzsche e a Filosofia (1962) e Nietzsche (1965). O dito pensamento pós-estruturalista deve bastante à ontologia e às possibilidades expressas na filosofia nietzscheana. A santíssima trindade deleuziana é Spinoza, Bergson e, obviamente, Nietzsche. A correlação entre os autores, de tão marcante e acentuada, frequentemente é tematizada em livros e dissertações acadêmicas.

## JACQUES DERRIDA (1930-2004)

### Quem é?

Filósofo franco-argelino, trabalhou como diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e docente na Universidade de Sorbonne e na Escola Normal Superior.

## Principais obras

- Escritura e Diferença;
- As Margens da Filosofia;
- Do Espírito; Espectros de Marx.

## Referências-Chave

- desconstrutivismo;
- teoria da desconstrução;
- escritura;
- pós-estruturalismo.

## Sobre Nietzsche

A teoria da desconstrução de Jacques Derrida encontra respaldo em Nietzsche. A leitura de Derrida dos escritos nietzschianos tem como eixo a análise do texto, num ângulo estrutural e até biográfico. Ele negava veementemente a posição, adotada por Heidegger, de que Nietzsche seria o último dos metafísicos. Derrida almejava uma releitura do autor de A genealogia da moral sem a preocupação de encontrar para ele um lugar histórico ou uma faceta determinista.

## MICHEL FOUCAULT (1926-1984)

### Quem é?

Filósofo e epistemólogo francês, professor titular de história do pensamento do Collège de France de 1970 até sua morte, ocorrida em junho de 1984.

## Principais obras

- Vigar e Punir;
- A Ordem do Discurso;
- História da Sexualidade (vols. 1, II e III);
- História da Loucura;
- O Nascimento da Clínica;
- Arqueologia do Saber.

## Referências-Chave

- biopoder;
- microfísica do poder;
- sociedade disciplinar;
- epistemologia.

## Sobre Nietzsche

Em *Microfísica do Poder*, coletânea de ensaios, pesquisas e artigos de Michel Foucault, um texto ilustra a influência exercida por Nietzsche na obra foucaultiana: "Nietzsche, a genealogia e a história" discorre sobre o uso nietzschiano da palavra "genealogia" para fazer uma severa crítica à narrativa histórica do Ocidente, centrada na procura pelos grandes fatos, os eventos e elementos unificadores da identidade, sob o manto da autoridade discursiva.

SIGMUND FREUD (1856-1939)

Quem é?

Médico neurologista nascido na Morávia e radicado em Viena, na Áustria. Sigmund Freud estabeleceu as premissas da psicanálise.

### Principais obras

- A Interpretação dos Sonhos;
- Mal-estar na Civilização;
- O Futuro de uma Ilusão;
- Totem e Tabu e outros Trabalhos;
- Ego e o Id e outros Trabalhos.

### Referências-Chave

- psicanálise;
  - complexo de Édipo;
- ego, superego e id;
- inconsciente.

### Sobre Nietzsche

O primeiro dos inúmeros elos entre a filosofia de Nietzsche e as teorias da psicanálise freudiana é o de que ambos sugerem uma ruptura ontológica. No artigo "Freud e Nietzsche: ontogênese e filogênese", o pesquisador Marcio Aparecido Mariguela aponta dois problemas comuns aos autores: as pulsões da ontogênese (ontogenia, desenvolvimento do ser desde a reprodução) e o processo civilizatório

da filogênese (filogenia, evolução da espécie), não necessariamente atrelando a eles o sentido fechado desses conceitos, originários das ciências biológicas, mas como ferramentas para explicar as ideias de moral, culpa, desejo, civilização e barbárie trabalhadas tanto por Nietzsche quanto por Freud.

## FÉLIX GUATTARI (1930-1992)

Quem é?

Filósofo, psicoterapeuta e ativista social francês. A parceria com Gilles Deleuze rendeu livros, conferências e trabalhos teóricos e políticos.

Principais obras

- O Anti-Édipo e O que é Filosofia? (com Gilles Deleuze);
- As Três Ecologias;
- Mil Platôs (v. I, II e III);
- Micropolítica - Cartografias do Desejo.

Referências-chave

- anti-Édipo;
- transversalidade;
- ecosofia;
- pós-estruturalismo.

Sobre Nietzsche

A ascendência da filosofia nietzschiana sobre as invenções conceituais de Félix Guattari está na medida de todo o pensamento pós-estruturalista francês. Ou seja: enorme.

MARTIN HEIDEGGER (1889-1976)

Quem é?

Considerado um dos maiores filósofos do século XX, Heidegger sucedeu a Edmund Husserl na cátedra de filosofia na Universidade de Freiburg, da qual foi reitor após filiar-se ao PNS nazista.

Principais obras

- Ser e Tempo;
- Introdução à Metafísica;
- A Carta sobre o Humanismo;
- A Doutrina de Platão sobre a Verdade;
- Ensaios e Conferências.

Referências-Chave

- ontologia;
- metafísica;
- fenomenologia.

Sobre Nietzsche

De acordo com Heidegger, no ensaio "Quem é o Zaratustra de Nietzsche? ", Nietzsche apresenta uma "pergunta decisiva": levando em conta a sua essência, estaria o homem pronto para "assumir o domínio da Terra"? Autor de Nietzsche (1961), Heidegger grassou uma reverente e emblemática interpretação de Nietzsche como último bastião da metafísica.

## CARL GUSTAV JUNG (1875-1961)

Quem é?

Psiquiatra de origem suíça formado pela Universidade da Basileia. Professor de psicologia e psiconeurose em Zurique, Jung batizou seu método clínico de "Psicologia Analítica".

### Principais obras

- Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade;
- O Homem e seus Símbolos;
- Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo;
- Freud e a Psicanálise;
- O Eu e o Inconsciente.

### Referências-Chave

- psicologia analítica;
- arquétipo;
- inconsciente coletivo.



## Sobre Nietzsche

Carl Gustav Jung analisa Nietzsche, ou melhor, Zarathustra, de uma perspectiva psicológica e clínica. Os seminários Nietzsche's Zarathustra foram apresentados entre 1934 e 1939 e analisavam a psique de Nietzsche/Zarathustra.

## THOMAS MANN (1875-1955)

Quem é?

Renomado romancista alemão, Thomas Mann foi eleito prêmio Nobel de Literatura no ano de 1929. Sua mãe, Julia da Silva Bruhns, nasceu em Parati, Rio de Janeiro.

## Principais obras

- Morte em Veneza;
- A Montanha Mágica;
- Doutor Fausto;
- José e seus Irmãos.

## Referências-Chave

- romance;
- Prêmio Nobel.

## Sobre Nietzsche

Em texto sobre Nietzsche, publicado em 1947, Thomas Mann foi seco, direto e reto em relação ao pensamento nietzschiano. A rigor, Nietzsche teria dado um giro de 360 graus sobre o cristianismo. Nietzsche atacou violentamente os dogmas cristãos, mas traiu sua argumentação ao santificar o poder do Übermensch. E teria cometido um sem-número de deslizes.

## BERTRAND RUSSELL (1872-1970)

Quem é?

Nobel de Literatura (1950), o conde britânico estudou filosofia em Cambridge e integrou o Trinity College. Ao recusar-se a participar da Primeira Guerra, foi banido da instituição e preso.

Principais obras

- Introdução à Filosofia da Matemática;
- Os Problemas da Filosofia;
- Ensaios Céticos;
- Caminhos para a Liberdade.

Referências-Chave

- matemática;
- filosofia analítica;
- logicismo;
- descrições definidas.

## Sobre Nietzsche

Segue na linha "desconstrutiva" do escritor Thomas Mann: após romper com Wagner e Schopenhauer, Nietzsche passou a agredir a atitude pessimista e a estética romântica, mantendo-se curiosamente ligado a ela nas linhas e entrelinhas, no texto e no contexto.

## JEAN-PAUL SARTRE (1905-1980)

Quem é?

Filósofo, escritor e intelectual francês. Divulgador do existencialismo, teve destacada atuação política, participou de protestos, escreveu artigos e envolveu-se em eventos históricos.

### Principais obras

- O Sereio Nada;
- O Existencialismo é um Humanismo;
- A Náusea;
- A Idade da Razão;
- Freud além da Alma - Roteiro para um Filme;
- A Imaginação.

### Referências-Chave

- existencialismo;
- ontologia;

- fenomenologia.

## Sobre Nietzsche

Jovens se apaixonam por filosofia lendo Sartre, Nietzsche ou os dois paralelamente. Além do mais, a ligação Nietzsche-Sartre é automática, pois o existencialismo se inspirou, entre outros, em Soren Kierkegaard, Dostoiévski e, principalmente, no pensamento nietzschiano.

GEORG SIMMEL (1858-1918)

Quem é?

Sociólogo e filósofo alemão graduado pela Universidade de Berlim, instituição em que lecionou cursos de sociologia e história na condição de Privatdozent (professor privado).

## Principais obras

- Filosofia do Amor;
- Questões Fundamentais da Sociologia;
  - A Metrópole e a Vida Mental (integra a coletânea O Fenômeno Urbano, organizada pelo antropólogo Gilberto Velho).

## Referências-Chave

- indivíduo e metrópole;
- micros sociologia;
- sociologia;
- atitude blasé.

## Sobre Nietzsche

Simmel proferiu palestras e conferências na Alemanha sobre Nietzsche e escreveu *Pour Comprendre Nietzsche* (título em francês, ainda sem tradução para a língua portuguesa).

### Miniglossário

**EPISTEMOLOGIA:** do grego Episteme (Ciência) e Logia (Conhecimento). A epistemologia é o estudo do conhecimento. O epistemólogo é, portanto, um teórico do conhecimento, aquele que examina e esclarece as condições, contextos, relações e origens sociais, culturais, políticas, históricas e técnicas de um determinado ramo filosófico e científico.

**EXISTENCIALISMO:** corrente filosófica que prega a individualidade do homem em termos de liberdade e responsabilidade, resumida na sentença de Sartre: "a existência precede a essência". Soren Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre são figuras marcantes do existencialismo.

**GENEALOGIA:** no sentido estrito, trata-se do estudo que investiga as origens das famílias e seus respectivos sobrenomes e linhagens (ex.: método da árvore genealógica). Friedrich Nietzsche vale-se em seu tratado sobre a moral do significado da palavra genealogia (estudo das origens).

**HIPERMODERNO/HIPERCONSUMO:** conceitos criados pelo filósofo Gilles Lipovetsky para definir a sociedade contemporânea. Estamos vivendo, segundo Lipovetsky, tempos de extrapolação, excesso e aceleração da modernidade e do consumo: o "império do efêmero".

**METAFÍSICA:** do grego Meta (Além/Depois) e Physys (Físico/Natureza). Apinhada de escolas, discórdias e ramificações, a metafísica é um campo fundamental do conhecimento filosófico. A metafísica procura descobrir a essência e as regras da realidade, do ser, do pensamento, da vida, inclusive do além-terreno.

**ONTOLOGIA:** do grego Ontos (Ser) e Logia (Conhecimento). A ontologia preocupa-se com o "ser enquanto ser". Ela possui duas categorias de entendimento: essencial e existencial. Encontram-se grandes textos sobre a ontologia em Aristóteles, Husserl, Heidegger etc.

**PERSPECTIVISMO:** doutrina elaborada por Leibnitz e aperfeiçoada e defendida por Nietzsche na qual a verdade e o conhecimento são percebidos em perspectiva, isto é, a verdade - um critério de fundo moral - é uma suposição inalcançável e cada homem a percebe à sua maneira. Todavia, não se deve confundir o perspectivismo com o relativismo: o relativismo crê que existem verdades, no plural, e que elas variam conforme o momento histórico, os valores culturais, as sociedades etc. O perspectivismo não afirma a existência de tantas verdades.

**Saiba Mais sobre  
Friedrich Nietzsche**

A lista a Seguir compila alguns dos livros, filmes, documentários, séries de televisão e páginas da Internet sobre a vida e a obra de

Friedrich Wilhelm Nietzsche produzidos em (ou traduzidos para a) língua portuguesa, com exceção dos indispensáveis tomos da biografia escrita por Curt Paul Janz, vertida somente para a língua de Miguel de Cervantes e Jorge Luis Borges. Conforme você acompanhou nas páginas deste dossiê, a influência exercida pelo pensamento nietzschiano é incomparavelmente maior ao número de publicações a ele dedicadas. Além desses trabalhos dignos de registro, uma penca de dissertações, teses, ensaios e artigos acadêmicos propõem-se a examinar aspectos e temas pontuais de sua extensa bibliografia. Muitos desses trabalhos foram reproduzidos em jornais e revistas de universidades e centros de estudos.

## **LIVROS EM PORTUGUÊS**

ALMEIDA, Rogério Miranda de. Nietzsche e Freud. São Paulo: Loyola, 2005.

ANDRADE, Daniel Pereira. Nietzsche: a Experiência de si como Transgressão. São Paulo: Annablume, 2007.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a Liberdade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

BATAILLE, Georges. Sobre Nietzsche. Madri: Taurus, 1989.

BEARDSWORTH, Richard. Nietzsche - Col. Figuras do saber. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche. Paris: PUF, 2005.

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche Educador. São Paulo: Scipione, 1993.

FONSECA, Thelma Lessa da. Nietzsche e a Autossuperação da Crítica. São Paulo: Humanitas, 2007.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. A Fisiologia de Nietzsche. Rio Grande do Sul: Unijui, 2006.

GIACOIA Jr., Oswaldo. Nietzsche - Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2000.

Nietzsche como Psicólogo. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

GOLOMB, Jacob. Nietzsche e Sião. São Paulo: Madras, 2005.

HALEVY, Daniel. Nietzsche. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche vol. I e II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

KLOSSOWSKI, Pierre. Nietzsche e o Círculo Vicioso. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

LARROSA, Jorge. Nietzsche e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LEFRANC, Jean. Compreender Nietzsche. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LINS, Daniel. Nietzsche e Deleuze: Arte, Resistência. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LOPES, Rogério Antônio; TABORDA, Francisco. Elementos de Retórica em Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2006.



MACHADO, Roberto. Nietzsche e a Polêmica sobre o Nascimento da Tragédia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_. Zarathustra, Tragédia Nietzscheana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARTON, Scarlett. Nietzsche, a Transvalorização dos Valores. São Paulo: Moderna, 2006.

Nietzsche Pensador Mediterrâneo. Rio Grande do Sul: Unijui, 2008.

MELO, Eduardo Resende. Nietzsche e a justiça. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MONIZ, Luiz Claudio. Mito e Música em Wagner e Nietzsche. São Paulo: Madras, 2007.

MONSALVO, Diego Almeida. Pensar a História com Nietzsche. São Paulo: LCTE, 2008.

MOSE, Viviane. Nietzsche e a Grande Política da Linguagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NAFFAH NETO, Alfredo. Nietzsche. São Paulo: FTD, 1996.

NEUKAMP, Elenilton. Nietzsche, o Professor. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.

PENNA, José Osvaldo de Meira. Nietzsche e a Loucura. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004.

PIMENTA, Olimpo. Razão e Conhecimento em Descartes e Nietzsche. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SAFRANSKI, Rüdiger. Nietzsche: Biografia de uma Tragédia. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SCHILLING, Voltaire. Nietzsche em Busca do Super-Homem. Porto Alegre: Age, 2001.

BARBUY, Belkiss Silveira. Nietzsche e o Cristianismo. GRD, 2005.

SUAREZ, Rosana. Nietzsche Comediante. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

STRATHERN, Paul. Nietzsche em 90 Minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

TANNER, Michael. Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2004.

TAHA, Abir. Nietzsche - o Profeta do Nazismo. São Paulo: Madras, 2007.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. Grande Política em Nietzsche. São Paulo: Annablume, 2006.

YALOM, Irvin D. Quando Nietzsche Chorou - Romance. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

## **LIVROS EM ESPANHOL**

JANZ, Curt Paul. *Infancia y Juventud* Alianza, 1978.

Los Diez Anos de Basileia -1869/1879 (Alianza).

- Los Diez Anos de Filósofo Errante (Alianza).

- Los Anos del Hundimiento (Alianza).

## FILMES E DOCUMENTÁRIOS

Dias de Nietzsche em Turim, de Júlio Bressane (BRA, 2001, 84 min.).

Quando Nietzsche Chorou, de Pinchas Perry (When Nietzsche Wept, EUA, 2007, 105 min.).

Nietzsche: Human, All too Human, documentário da BBC (ING, 1999, 50 min., em inglês).

A Alegria e o Trágico em Nietzsche, Roberto Machado/Café Filosófico (BRA, 2008, 42 min.).

Filosofia para o Dia-a-dia, vol. 6: Nietzsche e o Sofrimento, Alain de Botton (ING, Channel 4, 25 min.).

## INTERNET

Cultura Brasil.org: <http://www.culturabrasil.org/nietzsche.htm>.

Grupo de Estudos Nietzsche (GEN): <http://www.fflch.usp.br/en>.

Mundo dos Filósofos: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/nietzsche.htm>.

UOL Educação: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u140.htm>.

Voltaire Schilling: [http://educaterra.terra.com.br/voltaire/especial/home\\_nietzsche.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/especial/home_nietzsche.htm).

Wikipédia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Nietzsche](http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche).

## **REVISTAS ESPECIALIZADAS**

*Cadernos Nietzsche* – 23 números publicados (1996-2007).

Grupo de Estudos Nietzsche - GEN/USP.

Editor Responsável: Profa. Dra. Scarlett Zerbertto Marton.

Do 1º ao 10º número, conteúdo aberto: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/cn/edicoes.html>.

Revista de Filosofia Aurora - Nietzsche nº 27 (jul/dez - 2008).

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)/Editora  
Universitária Champagnat.

Editores Responsáveis: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca (PUC-PR) e  
Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde (PUC-SP).

## **BANCO DE TESES<sup>1</sup>**

ARALDI, Clademir Luis. A Radicalização do Niilismo na Obra de Nietzsche: Acerca de um Novo Sentido de Criação e de Aniquilamento. (Doutorado/USP/2002).

- O Niilismo na Moral. Investigação sobre a Crítica da Moral em Nietzsche. (Mestrado/UFRGS/1995).

BRANDÃO, Eduardo. Causalidade e Perspectiva na Obra de Maturidade de Nietzsche. (Mestrado/USP/1997).

CORDEIRO, Robson Costa. O Corpo como Grande Razão: Análise do Fenômeno do Corpo no Pensamento de Friedrich Nietzsche.

(Doutorado/UFRJ/2008).

A Crítica de Nietzsche ao Conceito de Consciência Tradição Filosófica.  
(Mestrado/UFP13/2002).

DANELON, Márcio. Nietzsche: a (Des) Construção do cristianismo.  
(Mestrado/PUC-Campinas/1997).

DIAS, Luis Francisco Fianco. A Crítica da Cultura em Nietzsche e Adorno. (Doutorado/UFMG/2008).

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche e a Música. (Doutorado/ UFRJ/1993).

\_. Vontade Criadora e Interpretação no Pensamento de Nietzsche.  
(Mestrado/UFRJ/1985).

FERNANDES, Rodrigo Rosas. Nietzsche e o Direito. (Doutorado/PUC-SP/2005).

- Nietzsche, o Castigo e a Genealogia da Moral. (Mestrado/PUC-SP/1996).

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. A Relação entre Cultura e Biologia na Filosofia de Nietzsche. (Doutorado/USP/2004).

- A Questão do Darwinismo na Obra de Friedrich W Nietzsche.  
(Mestrado/USP/2000).

LOPES, Adriana Delbó. Misteriosa Relação entre Arte e Estado: a Reflexão sobre a Cultura no jovem Nietzsche.  
(Doutorado/Unicamp/2006).

MARTON, Scarlett Zerbertto. A Obra Feita e a Obra por fazer. (Livre-Docência/USP/ 1998) .

Nietzsche, Cosmologia e Genealogia. (Doutorado USP/1988).

MELO, Eduardo Resende. Justiça e Ação no Pensamento Nietzscheano. (Mestrado/PUC-SP/2002).

MATTOS, Anita Tendeta. A Genealogia de Nietzsche: Razão e Violência. (Mestrado/PUC-Rio/2006).

PEREIRA, Rafael Rodrigues. A Defesa da Aristocracia em Nietzsche. (Mestrado/PUC-Rio/2006).

OSELAME, Valmor Luiz. A Vontade de Poder como Incremento da Vida - e Nada Mais, em Nietzsche. (Doutorado/UFRGS/2007).

- O Ideal Ascético como Vontade de Poder do Ressentido a partir da Genealogia da Moral de Nietzsche. (Mestrado/UFRGS/2003).

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Os Abismos da Suspeita: Nietzsche e o Perspectivismo. (Doutorado/PUC-Rio/2000).

SAROLDI, Nina Reis. Como fazer para Viver Bem com o Mal? (O sofrimento em Friedrich Nietzsche) (Mestrado/PUC-Rio/1996).

SILVA Jr., Ivo da. Em Busca de um Lugar ao Sol. Nietzsche e a Cultura Alemã. (Doutorado/USP/2005).

SILVA Jr., Ivo da. Nietzsche e o Fim da Democracia: uma Reviravolta Conceitual. (Mestrado/USP/2000).

SOBRINHO, Noeli Correia de Melo. A Crítica da Categoria do sujeito como Ficção da Metafísica Moderna e o Retorno do Trágico. (Doutorado/PUC-Rio/2000).

SOUSA, Péricles Pereira. Deleuze: do Pensamento Trágico a uma Nova Imagem do Pensamento em Nietzsche. (Mestrado/UFSCAR/2003).

VIESENTEINER, Jorge Luiz. Três Hipóteses Hermenêuticas a Respeito do Tema da "Grande Política" em Nietzsche. (Mestrado/ PUC-SP/2002).

PERSONALIDADES CITADAS A NESTE DOSSIÊ NIETZSCHE

**Familiares, amigos e interlocutores**

<b>Nome</b>	<b>Quem é</b>	<b>Nasc./Morte</b>
ANDREAS-SALOMÉ, Lou	Escritora, musa de Nietzsche	1861-1937
BURCKHARDT, Jacob Christoph	Historiador	1818-1897
FÖRSTER, Bernhard	Marido de Elizabeth	1843-1889
FÖRSTER-NIETZSCHE, Therese Elizabeth	Irmã	1846-1935
GERSDORFF, Carl von	Amigo de Nietzsche; datilografou manuscritos do filósofo	1844-1904
KÖSELITZ, Johann Heinrich (PETER GAST)	Compositor alemão, amigo de Nietzsche	1854-1918
KRAUSE, Erdmuthe	Avó paterna	1778-1856
MEYSENBURG, Mawilda von	Escritora, amiga de Nietzsche	1816-1903
NIETZSCHE, Carl Ludwig	Pai	1813-1849
NIETZSCHE, Franziska (Oehler)	Mãe	1826-1897
NIETZSCHE, Friedrich August Ludwig	Avô paterno	1756-1826
OVERBECK, Franz Camille	Teólogo alemão, mas nascido na cidade russa de São Petersburgo, foi amigo de Nietzsche	1837-1905
PODOCH, Erich Friedrich	Professor e pesquisador alemão	1894-1967



RILKE, Reiner Maria	Poeta, marido de Lou	1875-1926
RITSCHL, Friedrich Wilhelm	Professor/filólogo	1806-1876
ROHDE, Erwin	Professor	1845-1898
WAGNER, Wilhelm Richard	Compositor	1813-1883
WAGNER, Cosima Francesca Gaetana	Segunda esposa de Wagner	1837-1930

---

**Personalidades históricas**

<b>Nome</b>	<b>Quem é</b>	<b>Nasc./Morte</b>
BAEYER, Johann Friedrich Wilhelm Adolf von.	Químico alemão, Prêmio Nobel de 1905	1835-1917
BAHAMONDE, Francisco Franco y (General)	Ditador espanhol	1892-1975
BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch	Filósofo anarquista	1814-1876
BAYER, Friedrich	Farmacêutico alemão, cofundador, com Johann Friedrich Weskott, da Bayer	1825-1880
BISMARCK-SCHÖNHAUSEN, Otto L. E. von	Chanceler da Prússia/Império Alemão	1815-1898
BONAPARTE, Charles Louis Napoleon	Napoleão III, imperador da França	1808-1873
CAUVIN, Jean (Jean CALVIN)	Teólogo francês, "pai" do calvinismo/presbiterianismo	1509-1564
DREXLER, Anton	Político alemão, fundador do Partido dos Trabalhadores Alemão, o DAP	1884-1942
ECKART, Dietrich	Político alemão do DAP	1868-1923
FEDER, Gottfried	Economista e político alemão do DAP	1883-1941

FICHTE, Johann Gottlieb	Filósofo alemão	1762-1814
FROMME, Heinrich der (Duque)	Duque da Saxônia	1453-1541
GOETHE, Johann Wolfgang von	Escritor alemão	1749-1832
HARRER, Karl	Jornalista e político alemão do DAP	1890-1926
HAUSSMANN, Georges-Eugène (Barão)	Político francês	1809-1891
HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich	Filósofo alemão	1770-1831
HESS, Rudolf Walter Richard	Político nazista	1894-1987
HINDENBURG, Paul Ludwig Hans Anton B. von	Marechal e presidente da Alemanha	1847-1934
HITLER, Adolf	Chanceler alemão	1889-1945
HOHENZOLLERN, Wilhelm Friedrich Ludwig	Wilhelm I (Guilherme I), 5º Rei de Prússia e 1º Imperador da Alemanha	1797-1888
HOHENZOLLERN-SIGMARINGER, Leopold	Príncipe da Prússia	1835-1905
KOCH, Heinrich Hermann Robert	Médico bacteriologista alemão	1843-1910
LEIBNITZ, Gottfried Wilhelm	Filósofo e matemático alemão	1646-1716
LISZT, Franz	Pianista e compositor húngaro; segundo sogro de Richard Wagner	1811-1886
LUIZA, Maria Isabel	Isabel II ou Isabella II, rainha da Espanha	1830-1904
LUTHER, Martin	Teólogo alemão, "pai" do luteranismo e artífice da Reforma Protestante	1483-1546
MAHLER, Guztav	Regente e compositor austríaco	1860-1911

MERCADER, Ramón	Agente stalinista, assassino de Trotsky	1914-1978
MILLER, William	Agricultor estadunidense e inspirador do movimento adventista (Adventismo)	1803-1849
MUSSOLINI, Benito Amilcare Andrea	Político e ditador italiano	1883-1945
NOBEL, Alfred Bernhard	Químico alemão, inventor da dinamite	1833-1896
PROUST, Valentin Louis George Eugène Marcel	Escritor francês	1871-1922
RANKE, Leopold von	Historiador alemão	1795-1886
SACHSEN, Moritz von	Sucessor do pai, o Duque da Saxônia, e fundador do colégio de Pforta	1521-1553
SIEMENS, Ernst Werner von	Industrial alemão, fundador da Siemens	1816-1892
SNOW, Samuel S.	Ministro protestante estadunidense	1806-1870
SOBRERO, Ascanio	Cientista e professor italiano, descobridor da nitroglicerina	1812-1888
STALIN, Josef (Ioseb Besarionis)	Secretário-geral do Partido Comunista Soviético e líder da URSS	1878-1953
TARSO, Paulo de (Saulo)	Apóstolo, propagador do cristianismo	3-66
TRÓTSKY, Leon (Lev Davidovich)	Revolucionário e intelectual marxista	1879-1940
WAGNER-PLANNER, Christine W. "Minna"	Atriz, primeira esposa de Wagner	1809-1866

## Leituras e estudos teóricos/estéticos

Nome	Quem é	Nasc./Morte
BALZAC, Honorè de	Escritor francês	1799-1850
BEYLE, Henri-Marie (Stendhal)	Escritor francês	1783-1842
BYRON, George Gordon (Lord Byron)	Poeta britânico	1788-1824
DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovich	Escritor russo	1821-1881
EPÍCURO de Samos	Filósofo grego	341 a.C.-271 a.C.
ÉSQUILO	Poeta grego	525 a.C.-456 a.C.
HOMERO	Poeta grego de existência incerta, a quem se atribui a <i>Ilíada</i> e <i>A Odisseia</i>	? (séc. VIII a.C.)
PLATÃO de Atenas	Filósofo grego	427/28 a.C.-348/47 a.C.
PROTÁGORAS de Abdera	Filósofo grego	480 a.C.-410 a.C.
SCHILLER, Johann Christoph Friedrich von	Poeta alemão	1759-1805
SCHOPENHAUER, Arthur	Filósofo alemão	1788-1860
SÓCRATES	Filósofo grego	470 a.C.-399 a.C.
SÓFOCLES	Dramaturgo grego	496 a.C.-406 a.C.

## **Autores críticos/influenciados por Nietzsche**

<b>NOME</b>	<b>Quem é</b>	<b>Nasc./Morte</b>
ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund	Filósofo, sociólogo e músico alemão, expoente da Escola de Frankfurt	1903-1969

ARON, Raymond Claude-Ferdinand	Filósofo e sociólogo francês	1905-1983
BOURDIEU, Pierre	Sociólogo francês	1930-2002
CAMUS, Albert	Escritor franco-argelino	1913-1960
DELEUZE, Gilles	Filósofo francês	1925-1995
DERRIDA, Jacques	Filósofo franco-argelino	1930-2004
FREUD, Sigismund Schlomo (Sigmund)	Médico, nascido na Morávia e criado na Áustria, fundador da psicanálise	1856-1939
FOUCAULT, Michel	Filósofo e historiador francês	1926-1984
GUATTARI, Pierre-Félix	Filósofo e psicoterapeuta francês	1930-1992
HEIDEGGER, Martin	Filósofo alemão	1889-1976
JANZ, Curt Paul	Professor e biógrafo de Nietzsche	?
JUNG, Carl Gustav	Psiquiatra suíço	1875-1961
MANN, Paul Thomas	Escritor e ensaísta alemão	1875-1955
MUSIL, Robert	Escritor austríaco	1880-1942
RUSSELL, Bertrand Arthur William	Filósofo britânico	1872-1970
SARTRE, Jean-Paul Charles Aymard	Filósofo e escritor francês	1905-1980
SIMMEL, Georg	Sociólogo alemão	1858-1918

## Outras citações

Nome	QUEM É	Nasc./Morte
ACEVEDO, Jorge Luis Borges	Escritor argentino	1899-1986



ANDERSON, Perry	Historiador inglês	1938 -
ARISTÓTELES de Estagira	Filósofo grego	384 a.C.-322 a.C.
AROUET, François-Marie (Voltaire)	Filósofo e escritor francês	1694-1778
ASSIS, Joaquim Maria Machado de	Escritor brasileiro	1839-1908
Caesar Marcus Aurelius Antoninus Augustus	Imperador romano e filósofo	121-180
BERGSON, Henri-Louis	Filósofo francês	1859-1941
BOTTON, Alain	Filósofo e escritor suíço	1969 -
BURKE, Peter	Historiador inglês	1937 -
BRESLIN, Abigail Kathleen	Atriz estadunidense	1996 -
BRUHNS, Julia da Silva	Brasileira, mãe de Thomas Mann	1851-1923
CARRELL, Steve John	Ator estadunidense	1962 -
DANO, Paul Franklin	Ator estadunidense	1984 -
DAWKINS, Clinton Richard	Cientista queniano, radicado na Inglaterra	1941 -
DAYTON, Jonathan	Diretor de cinema estadunidense	1957 -
DESCARTES, René	Filósofo e matemático francês	1596-1650
DIDEROT, Denis	Escritor francês	1713-1784
ELIAS, Norbert	Sociólogo e historiador alemão	1897-1990
EPITETO	Filósofo grego	55-135
FARIS, Valerie	Diretora de cinema estadunidense	1958 -

FROMM, Erich	Psicanalista alemão	1900-1980
FUKUYAMA, Francis	Cientista político estadunidense	1952 -
GAUTAMA, Siddartha (Buda Shakyamuni)	Príncipe do reino de Sakya, precursor da doutrina budista	563 a.C.-483 a.C.
GIACÓIA Jr., Oswaldo	Professor e filósofo brasileiro	?
GOFFMAN, Erving	Sociólogo canadense	1922-1982
GOGH, Vincent Willen van	Pintor holandês	1853-1890
GYATSO, Tenzin (XIV Dalai Lama)	Líder espiritual e político do budismo e do povo tibetano	1935 -
HARRIS, Sam	Escritor e filósofo estadunidense	1967 -
HARTOG, Simon	Documentarista britânico	1942-1992
HOBBS, Thomas	Filósofo inglês	1588-1679
HUME, David	Filósofo e historiador escocês	1711-1776
KISSINGER, Heinz Alfred (HENRY)	Diplomata teuto-estadunidense	1923 -
KNOX, John	Religioso escocês, divulgador do calvinismo e da reforma protestante	1514-1572
LESSING, Gotthold Ephraim	Escritor e dramaturgo alemão	1729-1781
LIPOVETSKY, Gilles	Filósofo francês	1944 -
LOCKE, John	Filósofo inglês	1632-1704
MACHIAVELLI, Niccolò (Maquiavel)	Filósofo e político florentino	1469-1527

MARIGUELA, Marcio Aparecido	Professor e filósofo brasileiro	?
MARINHO, Roberto Pisani	Empresário brasileiro do ramo da comunicação, fundador da Rede Globo	1904-2003
MARINOFF, Lou	Filósofo canadense	1952 -
MARTON, Scarlett Zerbetto	Professora e filósofa brasileira	1951 -
MARX, Karl Heinrich	Pensador alemão	1818-1883
MONTAIGNE, Michel Eyquem de	Escritor e filósofo francês	1533-1592
MONTARDO, Sandra Portella	Professora brasileira	?
MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat	Filósofo e político francês	1689-1755
MOZART, Johann C. Wolfgang Amadeus	Compositor austríaco	1756-1791
ONFRAY, Michel	Filósofo francês	1959 -
PACKTER, Lúcio	Filósofo e psicanalista brasileiro	?
PAILLETERIE, Dumas David de la (Alexandre Dumas)	Escritor francês	1802-1870
POQUELIN, Jean-Batiste (Molière)	Dramaturgo francês	1622-1673
PRADO Jr., Bento	Filósofo brasileiro	1937-2007
RABELAIS, François	Padre e escritor francês	1494-1553
ROUSSEAU, Jean-Jacques	Filósofo e teórico político suíço	1712-1778
SAAVEDRA, Miguel de Cervantes	Escritor espanhol	1547-1616
SADE, Donatien Alphonse François (Marquês)	Escritor francês	1740-1814

SOBRINHO, Carlos Alberto	Professor e educador brasileiro	?
STALLONE, Sylvester Gardenzio	Ator estadunidense	1946 -
STRECKER, Marcos	Jornalista brasileiro	?
SÊNECA, Lucius Annaeus	Escritor e filósofo romano	4 a.C.-65 d.C.
SPINOZA, Baruch (Bento de Espinosa)	Filósofo holandês	1632-1677
TERNEIRO, André Reche	Professor brasileiro	?
TURGUENIEV, Ivan Sergeievich	Romancista e dramaturgo russo	1818-1883
WEBER, Maximilian Carl Emil	Sociólogo e economista alemão	1864-1920
YALOM, Irvin David	Escritor e psiquiatra estadunidense	1931 -
YORKE, Thomas Edward (Thom)	Músico inglês, vocalista do Radiohead	1968 -

2 Produzido por um grupo de estúdios independentes, o filme é distribuído pela Fox Searchlight Pictures.

1 Para melhor situar os leitores, optei por mencionar os títulos dos livros em português.

3 Sobre a inserção de Nietzsche em Pequena Miss Sunshine, ver: TERNEIRO, André Reche. "A Epopeia da Kombi amarela em Pequena Miss Sunshine". Revista Griffe, disponível em <http://revistagriffe.blogspot.com/2008/03/epopia-da-kombi-amarela-em-little-miss.html>.

4 Outro personagem marcante é Frank (o ator de comédias Steve Carrell), tio materno de Dwayne, estudioso da obra de Marcel Proust, escritor francês e autor da saga em sete volumes Em Busca do Tempo

Perdido. O legado proustiano desafiou as fronteiras e "serve" da autoajuda às teses de doutorado.

5 STRECKER, Marcos. "Mercado de Livros de Bolso Cresce no Brasil". Folha de S.Paulo, Caderno Ilustrada, 02.10.2007.

2 O Übermensch e Zaratustra serão tratados em detalhes nos próximos capítulos.

1 A canção Eye of the Tiger do conjunto de rock farofa Survivor, embalava os treinos e as esperanças de Robert "Rocky" Balboa (Sylvester Stallone) no filme Rocky III (1982). A ascensão do "Garanhão Italiano" no curso dos seis títulos da série é de super-homem. De medíocre pugilista da Filadélfia a campeão mundial, legenda do boxe e propagador do estilo de vida dos EUA em contraste ao dos soviéticos.

3 Persa como Zaratustra, Mani (Manes) seria o profeta do Maniqueísmo. Para muitos, seu nome é Maniqueu. A religião maniqueísta pretendia conciliar pressupostos do cristianismo, zoroastrismo e do gnosticismo. A Igreja e o Império Romano atacaram, considerando-a unia seita herege. "Varrida do mapa", dela restou a expressão "maniqueísta", largamente utilizada para descrever situações, opiniões, valores e obras artísticas excessivamente apegadas à separação entre bondade e maldade, bem e mal, mocinhos e vilões.

4 Tradução aproximada para a "última Flor do Lúcio": Infância e juventude (vol. 1); Os Dez Anos de Basileia -1869/1879 (vol. II) , Os Dez Anos como Filósofo Errante (vol. III) e Os Anos de Naufrágio (vol. IV).

5 "O Homem-Dinamite: Seguidores, Críticos e Influências" (Capítulo 4) cuidará do assunto.

6 A primeira citação a cidades e regiões será feita em português e no idioma nativo.

8 Frau é uma deferência às mulheres casadas ou em fase de maturidade. Equivalente ao "senhora".

9 Nietzsche aventou no livro a possibilidade de sua bisavó aparecer nos diários de Goethe rebatizada de Muthgen.

10 Martinho Lutero.

11 O processo da Igreja Católica começou em 1518, por ordem do Papa Leão X. Em 20 de junho de 1520, a bula papal *Exsurge Domine* exigiu a negação de Lutero a 41 das 95 teses. O dissidente respondeu em outubro, na carta "Liberdade de um Cristão". O Sumo Pontífice publicou a bula "Decretum Romanum Pontificeni" e excomungou Lutero.

12 Ver GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

13 Algumas fontes sugerem que o historiador Leopold von Ranke - aquele do modelo rankeano - teria sido aluno de Pforta. Ranke, como Nietzsche, dedicou-se à filologia na Universidade de Leipzig.

14 O GEN edita os Cadernos Nietzsche.

15 O texto da professora Scarlett Marton chama-se "O Homem que foi um Campo de Batalha", encontrado na edição da Martin Claret para Assim falou Zaratustra.

16 Nascidos ou naturalizados alemães. O tão discutido Prêmio Nobel da Paz de 1973, oferecido ao diplomata e ex-Secretário de Estado dos EUA Henry Kissinger, por exemplo, é computado para a Alemanha. Natural de Fürth, na Baviera, o judeu Kissinger desembarcou em território estadunidense para fugir da caçada nazista.

18 Kultur (cultura) é uma das nomenclaturas para o levantamento de folclores, cantigas, sistemas religiosos e tradições culturais que remeteriam à identidade germânica e a uma consciência de unidade nacional.

17 Simplificando o conceito ao máximo, capital cultural é o acúmulo de conhecimentos prestigiados em dados grupos e relações sociais (preferências literárias e estéticas, modos à mesa, vestuário). Fator de distinção social, o capital cultural do sujeito é um demarcador de seu status na sociedade.

19 A Revolução de 1868, apelidada de La Gloriosa - presumida alusão à Revolução Gloriosa na Inglaterra (1685-89) -, foi uma sublevação de grupos liberais e republicanos espanhóis contra o regime monárquico de Isabel II.

20 Renomeada em 1886 para O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo.

21 Nietzsche, relatam os biógrafos, seria bom pianista amador. Conhecia teoria musical.

22 Criada em 1925, a temível Schutzstaffel (Esquadrão de Proteção, vulgo SS) era o braço paramilitar do PNS.

23 O horário exato do óbito não é um consenso entre as fontes.

24 A empresa de mineração Mibrag, noticiou a agência France Press (notinha reproduzida na Folha Online, 02/04/2008), estaria de olho nas riquezas do solo onde se encontra o túmulo de Friedrich Nietzsche. Por enquanto, a população de Röcken (Roecken) posiciona-se contra a intenção da mineiradora.

1 Ver MARTON, Scarlett. "O Homem que foi um Campo de Batalha", p. 20.

2 Filósofos, semiólogos, linguistas e psicanalistas versados na filosofia nietzschiana tentam rastrear quais livros foram escritos sob o efeito dos psicotrópicos e em quais ele projetou a sua autoimagem arquetípica.

3 Por secularismo entende-se a total separação política entre Igreja e Estado, enunciadas pelo movimento iluminista dos séculos XVII e XVIII - o "Século das Luzes". O Estado laico é, pois, uma das prerrogativas do mundo moderno, sendo o humanismo secular a correspondente emancipação do homem das crenças religiosas. Immanuel Kant, David Hume, John Locke, Gotthold Ephraim Lessing, Voltaire, Jean Jacques Rousseau, Charles Montesquieu e Denis Diderot são os iluministas mais ativos e notórios.

4 Em 1521, durante a Dieta de Speyer - reunião de nobres convocadas pelo Sacro Império Romano Germânico -, um grupo de príncipes protestou contra o Edito de Worms baixado pelo Imperador Carlos V no dia 25 de maio de 1521. O documento imperial condenava Martin Luther, vetava o ensino do luteranismo e dava carta-branca para perseguir Luther e seus adeptos. Os príncipes luteranos mantiveram-se convictos e fundaram em 1531 a Liga de Schmalkaldic (Escalnada). Essa resistência deu origem ao termo "protestantismo".

5 O teólogo reformador francês Jean Cauvin (Calvin), o João Calvino, cujos ensinamentos resultaram no presbiterianismo levado à Escócia e à Grã-Bretanha por John Knox. No Brasil, os presbiterianos fundaram em 1870 o complexo educacional privado e confessional Instituto Presbiteriano Mackenzie, composto pelo Colégio Presbiteriano Mackenzie (ensino infantil, fundamental e médio) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

6 O budismo tibetano não é uma tradição uniforme. Suas escolas doutrinárias são a Nyingma, Kagyu, Sakya e Gelug. A essa linhagem pertence Tenzin Gyatso, o XIV Dalai Lama, Nobel da Paz de 1989.

7 Recorrente em religiões orientais como o hinduísmo e o budismo, a Lei do Karma vem do sânscrito karmam, "ação". No budismo, a Lei do Karma rege-se pela noção de causa e efeito das ações cotidianas praticadas no curso dos ciclos de nascimento, existência, morte e renascimento do Sanisara.

8 Na mitologia grega, Apolo é o deus da beleza e da luz e Dionísio, da festa e do prazer.

10 Sobre Nietzsche e o projeto de "inversão do platonismo", ver: JR. GIACOIA, Oswaldo. "O Platão de Nietzsche, o Nietzsche de Platão". Cadernos Nietzsche, 1997, 3. ed., p. 23-36. Disponível na íntegra e em versão PDF no site do GEN/USP [http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn\\_03\\_02.pdf](http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_03_02.pdf).

9 O que é história cultural? São Paulo, Jorge Zahar, 2004, p. 20-

11 Para saber mais, ver: MONTARDO, Sandra Portella. "A Vontade de Schopenhauer a Nietzsche: um Impulso para Duas Transcendências", disponível no site da Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação - BOCC - Portugal <http://www.bocc.ubi.pt/pag/montardo-sandra-schopenhauer-nietzsche.pdf> e SOBRINHO, Carlos Alberto. "Nietzsche, a Lição de Schopenhauer e o Eterno Retorno". Impulso nº 28. Versão PDF na página da Universidade Metodista de Piracicaba <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art07.pdf>.

1 "(...) Escrevi-a com a pena da galhota e a tinta da melancolia", frase famosa do defunto-autor Brás Cubas, personagem/narrador de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), do escritor fluminense Machado de Assis.



2 O indivíduo ascético empreende seus esforços nas práticas necessárias para se atingir a plenitude moral virtuosa, descartando os "prazeres mundanos" em benefício da "purificação da alma". Nietzsche denunciava as mazelas e armadilhas do ideal ascético. O sociólogo Max Weber, em *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo* (1905), distingue o ascetismo católico do protestante. De acordo com Weber, ao contrário do catolicismo, o ascetismo protestante seria secularizado porque situaria o trabalho como elemento de purificação do espírito (ascetismo intra mundano). A doutrina moral e espiritual católica pretende evadir-se do mundo (ascetismo extramundano).

1 O Primeiro Reich foi o Sacro Império Romano Germânico, e o Segundo Reich, o Império Alemão (1871-1918).

2 Leon Trótsky, revolucionário russo de 1917, ideólogo da Revolução Permanente. Com a morte de Lênin, disputou a liderança do Partido Comunista soviético com Josef Stalin. Stalin venceu a contenda e expulsou Trótsky, que se exilou no México, onde foi assassinado em 1940 pelo agente stalinista Ramón Mercader.

3 Na Espanha, o franquismo do Generalíssimo Francisco Franco (1939-1976). Na Itália, o fascismo de Il Duce Benito Mussolini (1922-1943).

4 A Cruz de Ferro de Segunda Classe (1914) e a Cruz de Ferro de Primeira Classe (1918).

5 No sistema político alemão, o cargo de chanceler equivale ao de primeiro-ministro, o chefe de governo em regimes parlamentaristas republicanos ou monarquistas. O primeiro-ministro é indicado pelo parlamento e ratificado pelo presidente nas Repúblicas (Alemanha) e pelo soberano nas Monarquias (Inglaterra).

6 O Channel 4 apresentou o documentário *Muito Além do Cidadão Kane* (*Beyond Citizen Kane*, 1993), de Sinion Hartog, sobre o poder político e econômico da Rede Globo de Televisão e seu fundador Roberto Marinho. O filme foi exibido publicamente numa única oportunidade, em março de 1994 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O núcleo jurídico das Organizações Globo ingressou na justiça contra a divulgação do documentário. *Muito Além do Cidadão Kane* pode ser encontrado e assistido pela Internet em sites de compartilhamento de vídeos como o YouTube e o Google Vídeos.

8 De Gilles Lipovetsky, recomendo *A Felicidade Paradoxal* (São Paulo, Companhia das Letras, 2007), *O Império do Efinero* (São Paulo, Companhia das Letras, 1989) e *Os Tempos Hipermodernos* (São Paulo, Barcarolla, 2004).

7 Ver página do Instituto Packter em [www.filosofiaclinica.com.br](http://www.filosofiaclinica.com.br).

9 A filosofia estoica surgiu na Grécia por volta do século III a.C. e apregoava que devemos viver de acordo com as leis da natureza, guiando-se pelas razões do universo corpóreo. O estoicismo conheceu seu píncaro de beleza nos tempos de Império Romano com Sêneca, Marco Aurélio e Epiteto.

1 Dissertações e teses em nível de mestrado, doutorado, pós-doutorado e livre-docência defendidas por pesquisadores brasileiros. Esse banco de teses possui valor de amostra. Em levantamento realizado às 13h09min de 02/01/2009, a Plataforma Lattes, base de currículos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), indicava 792 pesquisadores com trabalhos registrados sobre temas relativos a Friedrich Wilhelm Nietzsche. Ver <http://lattes.cnpq.br/>.

7 Situar corretamente a geografia e a geopolítica alemãs é complicadíssimo. A Germânia, na Europa Central, data de 100 a.C. e desde o século XVI os povos germânicos passaram pelo Sacro Império Romano Germânico; as subdivisões regionais como o Reino de Prússia; a reunificação em 1871; a parlamentarista República de Weimar instituída após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); a Alemanha nazista do chanceler Adolf Hitler (Terceiro Reich); a cisão Alemanha Ocidental x Alemanha Oriental durante a Guerra Fria; e, enfim, a partir da queda do muro de Berlim (1989), a reunificação de 1990, sob regime democrático, republicano e parlamentar.